

**RESIDÊNCIA
BELOJARDIM
MARCELO SILVEIRA**

BELO JARDIM – PERNAMBUCO – BRASIL

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

R338

Residência Belo Jardim Marcelo Silveira / curadoras Cristiana Tejo, Kiki Mazzucchelli ; [organização Marcelo Silveira] - 1. ed. - Rio de Janeiro : Automatica, 2018.
200p.:il.

ISBN 9788564919259

1. Silveira, Marcelo, 1962 - Exposições. 2. Arte brasileira - Séc. XXI - Exposições. I. Tejo, Cristiana.
II. Mazzucchelli, Kiki. III. Silveira, Marcelo, 1962-.

18-47168

CDD: 709.81
CDU: 7.038.6(81)

**MINISTÉRIO DA CULTURA E
INSTITUTO CONCEIÇÃO MOURA
APRESENTAM**

**RESIDÊNCIA
BELOJARDIM**

MARCELO SILVEIRA

**CURADORAS
CRISTIANA TEJO
KIKI MAZZUCHELLI**

**BELO JARDIM
AUTOMÁTICA**

1ª EDIÇÃO

2018

Cristiana Tejo e Kiki Mazzucchelli **E Belo Jardim?**
Apontamentos para um programa de residências 9

**1 ENTRE A SURPRESA E
O QUE SE ESPERA** 20

Relatório do educativo Parte 1 27

**2 BOCHINCHE
CABELUDAS** 30

Relatório do educativo Parte 2 40

3 SÓDEBONITO 46

Relatório do educativo Parte 3 52

André Vieira Cardamomo 60

4	COM-PACTO	64
	Relatório do educativo <i>Parte 4</i>	66
5	TUDO CERTO	
	TUDO CERTO (MOMENTO 2)	
	TUDO CERTO — PERFORMANCE	74
	Relatório do educativo <i>Parte 5</i>	80
	<i>Michael Asbury</i> Tudo certo	89
	<i>Cristiana Tejo</i> Anderson	93
	<i>Cristiana Tejo</i> Boi neon	99
6	DEUSQUEIRAQUENÃOCHOVA	100
	Relatório do educativo <i>Parte 6</i>	102
	<i>Cristiana Tejo e Elaine Lima</i> Mulher de lutas	112
	<i>Catarina Duncan</i> Os rios sabem da gente	119
	<i>André Vieira</i> Cida Lima	124
7	CAMALEÃO II	126
	Relatório do educativo <i>Parte 7</i>	128
	<i>Cristina Huggins</i> Quem é você, camaleão?	134
	<i>Fabiana Moraes</i> Transformados	138
	<i>Moacir dos Anjos</i> O camaleão é revolucionário	142
	<i>Kiki Mazzucchelli</i> Marcelo Silveira — entrevista	146
	<i>André Vieira</i> Mônica	156

EQUIPE

Artista residente
Marcelo Silveira

Curadoras
**Cristiana Tejo e
Kiki Mazzucchelli**

Coordenação geral
Luiza Mello

Edição gráfica e site
Piscila Gonzaga

Produção local e
assistente de curadoria
André Vieira

Fotografia
Bernardo Teshima

Conteúdo
Cristina Huggins

Assistentes do artista
**Alice Teshima, Aline Silva,
Bárbara Amorim e Monica Silveira.**

Marceneiro
Neto

Convidados
**Catarina Duncan, Cláudio Assis,
Fabiana Moraes, Gabriel Mascaro,
Jailton Moreira, Michael Asbury e
Moacir dos Anjos.**

Vídeos
Jacaré Filmes

Assessoria de imprensa
Mariana Oliveira

Gestão
**Mariana Schincariol de Mello e
Marisa S. Mello**

Projeto e produção
Automática

Artista residente

Marcelo Silveira nasceu em 1962, em Gravatá, Pernambuco. Vive e trabalha em Recife. Com sua hibridez local, o trabalho do artista ocupa um espaço entre: metade dentro e metade fora do museu.

Curadoras

Kiki Mazzucchelli é curadora, editora e escritora independente com ampla atuação internacional. Cofundou o Gasworks Brazilian Residency Patron's Circle e cocurou a Bienal do Site Santa Fe (2016). Contribui regularmente para monografias de artistas para editoras e revistas especializadas de várias partes do mundo, entre elas Phaidon, *Art Review*, *Frieze*, *Mousse* e *Terremoto*. É curadora da Residência Belo Jardim. Vive e trabalha entre Londres e São Paulo.

Cristiana Tejo é curadora independente e doutora em Sociologia pela UFPE com forte atuação institucional a partir do Recife. Foi curadora da Fundação Joaquim Nabuco, diretora do MAMAM e cocuradora do 32º Panorama da Arte Brasileira, além de cofundar o Espaço Fonte. Publicou *Paulo Bruscky – Arte em todos os sentidos*. É curadora da Residência Belo Jardim. Vive e trabalha entre Lisboa e Recife.

Projeto e Produção

Automatica é produtora e editora de projetos culturais. Desde 2005 atua na elaboração, produção, gestão, coordenação, pesquisa, edição, difusão e consultoria de projetos culturais, especialmente vinculados ao universo das artes visuais. Trabalha com artistas, curadores, críticos de arte, historiadores da arte, instituições culturais, patrocinadores públicos e privados. Participa de editais e prêmios, e elabora projetos para as leis de incentivo nas três esferas da administração pública. Sua missão principal é aproximar o público da arte contemporânea.

Produção local e assistente de curadoria

André Vieira é museólogo formado pela UFPE e escreve sobre artes visuais e cinema. É assistente de curadoria e produtor local na Residência Belo Jardim. Vive e trabalha em Brejo da Madre de Deus (PE).

Conteúdo

Cristina Huggins é consultora, pesquisadora e tradutora. Tem formação em Linguística Aplicada (Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, 2007) e Estudos Hispânicos (Salamanca – Espanha, 1992). Em 2015, qualificou-se em Elaboração e Gestão de Projetos Culturais e Economia Criativa (Ministério da Cultura/SENAC-DF) e em Administração Pública da Cultura (Ministério da Cultura/UFRGS, 2017).

Educativo

Martha Ferreira, 23 anos, musicista, é graduanda em licenciatura em Música pelo Instituto Federal de Pernambuco (IFPE) – Belo Jardim. Como clarinetista, tocou em bandas de música tradicionais da cidade, na Sociedade de Cultura Musical e na Filarmônica São Sebastião, na qual ministrou aulas de música durante seis anos. Também fez parte de grupos de choro, música de câmara e orquestras de frevo. Como atriz, trabalhou com o diretor Cláudio Assis no espetáculo *Cão sem plumas*, junto com Deborah Colker; e no filme *Piedade*.

Pierre Tenório, cantor, compositor, poeta e performer, nasceu em Belo Jardim, onde realiza sua pesquisa artística. Aluno do curso de licenciatura em Música do Instituto Federal de Pernambuco (IFPE), Pierre trabalha em seus shows com música, poesia e performance, tanto em palco, quanto em câmara. Explorando os limites das linguagens, sua carreira tem tido um desdobramento ímpar no âmbito multidisciplinar.

Vanessa Melo, 25 anos de incompletudes. Graduanda em Pedagogia pelo Centro Acadêmico do Agreste da Universidade Federal de Pernambuco (CAA/UFPE), é apaixonada por fotografia, mãe de Alice, feminista, loba, campestre às margens de um rio seco, estudiosa das rotinas das mulheres ribeirinhas e enamorada pela Ana C. Cesar.

Wellington Antônio nasceu em Belo Jardim, tem 26 anos e é licenciando em Pedagogia pela Universidade Federal Rural de Pernambuco – Unidade Acadêmica de Garanhuns (UFRPE-UAG). Atuou pela primeira vez como arte-educador na Residência Belo Jardim.



Platibandas de Belo Jardim.

Cristiana Tejo e Kiki Mazzucchelli

E BELO JARDIM? APONTAMENTOS PARA UM PROGRAMA DE RESIDÊNCIAS

Em 1980, o artista e designer pernambucano Aloísio Magalhães chega atrasado para uma reunião sobre tecnologias em São Paulo. Vindo direto do Nordeste, depara-se com uma discussão de altíssimo nível e complexidade, que versava sobre a ampliação do metrô paulistano, os milhões necessários em dinheiro e em recursos para a obra ocorrer, etc. Aloísio atordoado-se com a escala de valores jamais sonhada e interrompe a reunião com a pergunta: “E Triunfo?” Obviamente, todos os presentes se entreolham e se questionam sobre o que se estava arguindo. Após explicar que se tratava da cidade de Triunfo, em Pernambuco, o gestor cultural conclui: “Era realmente uma tentativa de dizer que existe Triunfo. E quantos Triunfos existem por aí? E o que é que nós estamos fazendo senão justamente o contrário, destruindo, criando situações que nada têm a ver com aquela harmonia?” Em seguida, Aloísio alude mais uma vez à riqueza e à diversidade de temporalidades e de matizes da realidade brasileira a que deveríamos estar atentos.

Quase quarenta anos depois, o contexto sociopolítico, econômico e cultural do país é muito distinto, não apenas por conta do impacto da tecnologia digital, mas pela estabilização da economia e pelo investimento em políticas sociais de redistribuição de renda. Isso é algo que se pode constatar facilmente ao andar Nordeste adentro, e que parece ter deixado um legado permanente, mesmo levando em conta o período atual de desinvestimento. A região — que no último século assumiu uma posição de subalternidade e passou a representar o anacrônico, a miséria, o atraso — teve grandes picos de crescimento até recentemente e remodelou sua economia, inclusive entrando no mercado globalizado em alguns setores, entre eles, o da arte contemporânea. Apesar da concentração de renda e de oportunidades ainda ocorrer no eixo Rio-São Paulo, o mapa do circuito artístico descentralizou-se, abarcando cidades e estados até então invisíveis. A expansão desta cartografia permitiu que artistas, críticos, curadores, arte-educadores e

designers de montagem pudessem desenvolver-se profissionalmente em seu estado natal sem precisar migrar para centros hegemônicos, passando a competir num mercado de arte em processo de internacionalização.

E Belo Jardim? De fato, este período que durou cerca de quinze anos não chegou a atingir cidades de porte médio e pequeno, mas apenas capitais de alguns estados do Norte, Nordeste, Centro-Oeste e Sul. A interiorização de políticas de formação em artes visuais tem ficado a cargo de iniciativas isoladas promovidas por algumas instituições públicas e privadas, a exemplo do SESC e do Centro Cultural Banco do Nordeste. Em Pernambuco, uma geração mais jovem de empresários que colecionam arte contemporânea tem redefinido o legado cultural de seus antepassados em seus municípios de origem, como a Usina Santa Terezinha, em Água Preta, divisa com Alagoas, e o Instituto Conceição Moura, em Belo Jardim. Este último município, situado no Agreste, a 185 quilômetros do Recife, possui cerca de 75 mil habitantes e uma economia que orbita ao redor de três grandes empresas: Baterias Moura, Natto Frangos e Palmeiron, sendo que a Moura, companhia criada e ainda sediada em Belo Jardim, é líder no mercado latino-americano de baterias automotivas e exportadora para diversos países. Trata-se, portanto, de uma cidade que abarca escalas e temporalidades muito dessemelhantes e, neste sentido, distante da Triunfo de Aloísio Magalhães, que se contrapunha a uma grande economia como a paulistana.

A forma que o Instituto Conceição Moura — instituição que leva o nome da cofundadora da fábrica de baterias Moura e grande incentivadora da cultura local — encontrou para retribuir e minimizar o impacto ambiental e social que a indústria causa na cidade foi investir em ações artísticas nas áreas de música, cinema e artes visuais. As duas primeiras linguagens foram contempladas com festivais e oficinas de formação. Já as artes ganharam residências para artistas. Fomos chamadas para pensar num formato compatível com Belo Jardim e vimos este convite como uma boa oportunidade de implementar algo que convergisse com nossas crenças e observações acerca do caráter por vezes predatório do sistema da arte. Sabemos que residências artísticas compõem hoje um dos pilares deste tal mundo da arte globalizado, assim como as bienais e as feiras de arte. *Grosso modo*, as residências são uma opção mais econômica que os grandes eventos, pois na contabilidade não entram despesas como transporte e seguro de obras, marcenaria, expografia, catálogos e convites. Além disso, viabilizam de maneira mais fluida a circulação de pessoas e de ideias por lugares que não dispõem de grande infraestrutura ou visibilidade.

Entretanto, em muitas das circunstâncias, o que ocorre é uma nova versão de turismo cultural em lugares “exóticos” aos olhos ocidentais que podem exercer sua mirada condescendente e privilegiada sobre um entorno diverso do seu. Ao partirem, os artistas levam as obras realizadas nas residências, deixam alguns amigos e pouco impacto no local. Como realizar uma residência artística num contexto como o de Belo Jardim sem incorrer nesses cacoetes e performatividades do circo do mundo da arte? Como chegar a um local respeitosamente e deixar um lastro construtivo?

Não tínhamos um roteiro traçado quando começamos a pensar no formato, apenas algumas questões que gostaríamos de discutir com os moradores da cidade, como, por exemplo, o conceito de Nordeste cristalizado no imaginário brasileiro em contraponto à situação atual de lugares como Belo Jardim. Havia anos que nós duas conversávamos a respeito do retorno da discussão sobre arte popular no âmbito da arte contemporânea e o conseqüente ressurgimento do nome e das práticas de Lina Bo Bardi, que mudou seu pensamento ao conhecer esta região. Queríamos chegar devagar para nos entrosar organicamente e compreender o lugar e suas dinâmicas e pessoas, mas como isso seria possível se somos forasteiras e não conhecíamos ninguém na cidade? Concomitantemente, Marcelo Silveira também era convidado a apresentar um projeto para o Instituto Conceição Moura e fomos chamadas para ver se poderíamos fazer algo juntos. A ideia dele era mudar-se para lá durante dois meses, levando obras já mostradas em exposições ao longo de sua trajetória artística para serem instaladas em vários locais da cidade. Além disso, ele desejava fazer novos trabalhos a partir da experiência da imersão. O projeto do artista era perfeito para este início de proposta e seria um grande aprendizado para toda a equipe. Não apenas Marcelo era nascido e crescido no Agreste como ainda mantinha seu ateliê em Gravatá e conhecia bem Belo Jardim. Sua forma de falar e de se “aprochegar” onde quer que seja sempre foi carregada de afeto e de muito cuidado e carinho, premissas fundamentais para criar vínculo com os lugares. Entramos em sua dança.

A antiga Fábrica Mariola — primeiro empreendimento do fundador da indústria de baterias Edson Mororó Moura, localizada bem no centro e cuja estrutura preserva os traços originais do edifício histórico — seria o QG da equipe e local de trabalho do artista. Ela também abrigaria uma das obras exibidas na 29ª Bienal de Arte de São Paulo, que teve cocuradoria de Moacir dos Anjos: a instalação *Tudo certo*. Parte da biblioteca de Marcelo Silveira seria trazida para ficar à disposição do público visitante e participante das atividades, com a possibilidade até de doar à cidade uma parte após a residência. As refeições seriam um ponto central das vivências,

não apenas no dia a dia da equipe do projeto, mas também nos jantares que contariam com convidados locais e de outras paragens ao redor da obra que apareceria naquela semana, com cardápio temático e afetuosamente criado pelo artista, que também é um gastrônomo de mão cheia. Um livro de registro dos visitantes viraria um livro de artista.

Selecionadas pelo próprio Marcelo, as demais obras foram instaladas em diversos locais a partir de visitas de pesquisa e o intuito era que elas fossem “aparecendo” conforme as semanas iam progredindo: primeiro, *Entre a surpresa e o que se espera*, em vários pontos da cidade; depois, *Bochinche*, no lindíssimo prédio de informática do Instituto Técnico Federal de Pernambuco (IFPE), e *Cabeludas*, na Escola de Referência em Ensino Médio (EREM); na terceira semana, *Sódebonito*, na principal rua de comércio da cidade; na sequência, *Com-pacto*, instalado na Escola Técnica Estadual e no restaurante do Hotel Belo Jardim; *Deusqueiraquenãochova*, em frente à sede da comunidade quilombola de Barro Branco; *Tudo certo*, obra sonora gravada por corais locais e veiculada em carros de som; e *Camaleão*, instalada numa sala escura dentro da Fábrica Mariola. Desta maneira, os trabalhos foram imbricando-se no tecido urbano, no cotidiano das pessoas, e tendo uma vida fora de seu lugar tradicional, as instituições culturais. Toda a proposta era um modo inovador de atuar num contexto complexo e sem infraestrutura para a cultura, que acabou por gerar grandes transformações em todos os participantes do projeto.

Entre muitas coisas que aprendemos neste percurso, está a certeza de que, em um projeto de residência artística com bases sustentáveis, é de extrema importância o envolvimento pleno com o lugar, que passa pela escuta atenta daqueles que lá habitam, o respeito pela forma de fazer local e a ambientação ao meio. Houve, sem dúvida, uma série de dificuldades durante o projeto, o que é natural numa iniciativa deste porte e grau de experimentação executada num local que enfrenta grandes desafios como a falta d'água generalizada. Contudo, acreditamos que a experiência erigiu bases sólidas para uma proposta de longo prazo e de fato transformadora para todos os envolvidos.



*Maquinário da antiga
Fábrica Mariola.*



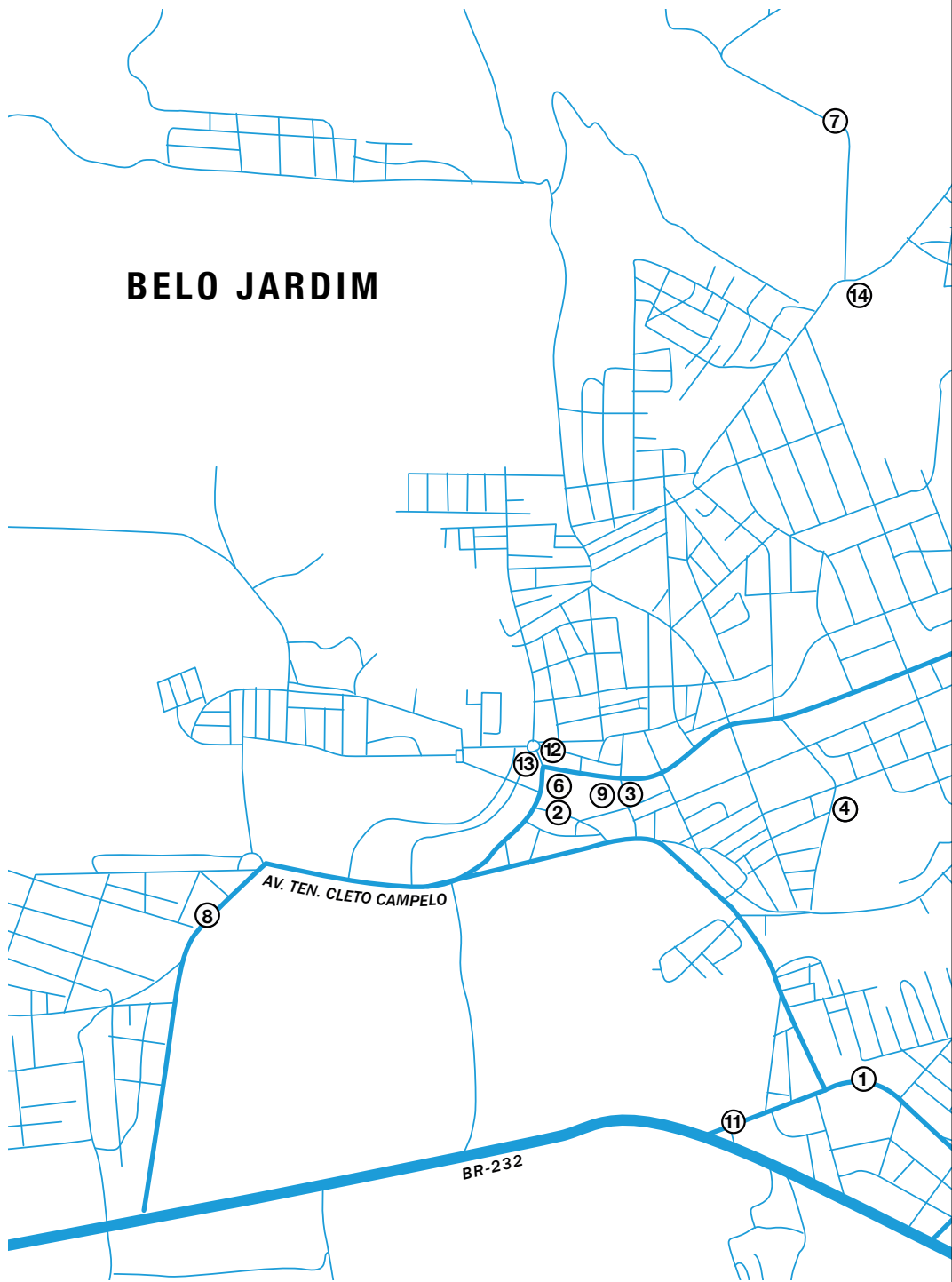


Primeira visita da equipe à Fábrica Mariola, vistas do pátio da fábrica e fachada.





BELO JARDIM





*Mapa da passagem da
Residência Belo Jardim pela
cidade:*

1 Entre a surpresa e o que se espera, *Escola Doutor Sebastião Cabral*;

2-6 Entre a surpresa e o que se espera, *nas ruas de Belo Jardim*;

7 Bochinche, *Instituto Federal de Pernambuco*;

8 Cabeludas, *Escola de Referência em Ensino Médio João Monteiro de Melo*;

9 Sódebonito, *calçada de Belo Jardim*;

10 Com-pacto, *Escola Técnica Estadual Edson Mororó Moura*;

11 Com-pacto, *restaurante do Hotel Belo Jardim*;

12 Tudo certo e Camaleão, *Fábrica Mariola*;

13 *Teatro Cultura e Coral Moura*;

14 *Instituto Conceição Moura*;

→ *Deusqueiraquenãochova, comunidade quilombola do Barro Branco, zona rural de Belo Jardim.*

*Cristiana Tejo
e Kiki Mazzucchelli*

1 ENTRE A SURPRESA E O QUE SE ESPERA

2001 – 2017

Esfera em madeira, Ø 1,20m
Trabalho instalado nas calçadas do
centro de Belo Jardim

Entre a surpresa e o que se espera consiste em uma esfera de madeira maciça que é colocada, durante as madrugadas, em diferentes pontos da cidade. Este objeto de escala considerável e destituído de uma função discernível apareceu misteriosamente no centro de Belo Jardim na semana inaugural da residência, provocando uma variedade ampla de reações e especulações sobre seu significado pelos moradores da cidade. Durante uma semana, a esfera foi deslocada de um local ao outro, sempre de madrugada, seguindo um trajeto que incluiu a Praça da Criança, a Praça Nossa Senhora da Conceição, o Calçadão e a calçada da fábrica das baterias Moura, finalmente chegando à Fábrica Mariola.

Ao inserir o trabalho no contexto urbano sem aviso prévio ou material contextual de apoio, Marcelo Silveira promoveu o encontro não mediado entre os espectadores e a obra. Num ambiente em que inexistia um circuito de artes visuais, o público passante observava, tocava ou interagia de forma espontânea com a escultura: as crianças se sentavam sobre ela, os jovens tiravam *selfies*. A presença enigmática gerou uma série de debates sobre sua natureza e propósito nas redes sociais e, em uma determinada ocasião, um grupo chegou a movê-la algumas centenas de metros do ponto onde havia sido deixada pelo artista, tendo sido recuperada pela organização do projeto após algumas horas de

Obra *Entre a surpresa e o que se espera* instalada na quadra da Escola Doutor Sebastião Cabral.



busca angustiada. Assim como nos outros trabalhos apresentados dentro do âmbito da Residência Belo Jardim, em *Entre a surpresa e o que se espera* Silveira emprega uma metodologia de inserção de obras em ambientes e situações que escapam do formato institucionalizado das galerias e museus, lançando provocações para que o público não especializado produza seus próprios questionamentos e eventualmente busque suas respostas de forma independente e ativa.

Esferas instaladas na quadra esportiva da Escola Doutor Sebastião Cabral. Com a escola em obras, a quadra também serviu como sala de aula para as turmas, que conviveram diariamente com as esferas.







A esfera, que cumpriu seu trajeto durante a primeira semana da Residência, ocupando lugares como a praça central e o Calçadão de Belo Jardim.



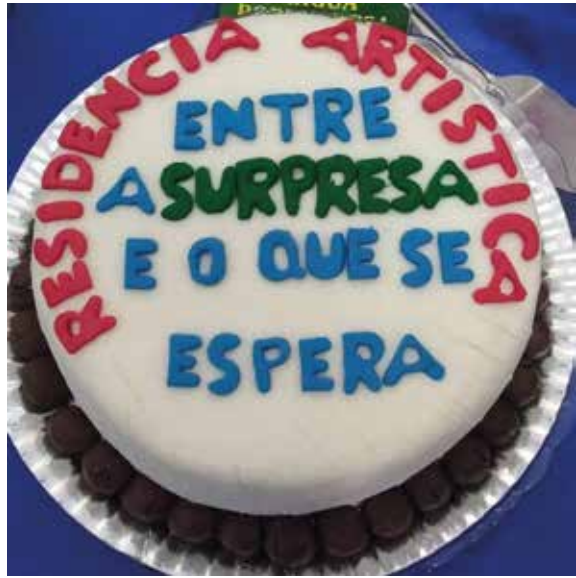
RELATÓRIO DO EDUCATIVO *Parte 1*



AO LADO *Esfera desaparecida é reencontrada por crianças.*

ACIMA *Professora de artes Gislaine com seus alunos na Escola Doutor Sebastião Cabral.*

Com as esferas instaladas na quadra da Escola Municipal Dr. Sebastião Cabral, aconteceram duas reuniões com a equipe da residência e o corpo docente da escola para que pudéssemos desenvolver com os alunos atividades sobre suas experiências a partir do contato com a obra. *Entre a surpresa e o que se espera* foi instalada na escola durante os dois meses da residência, proporcionando uma relação mais intensa do educativo com as atividades propostas pelos professores.



Inicialmente, agendamos a visita de algumas turmas ao ateliê e ao cinema da cidade a fim de propor uma interação dos alunos com as demais obras de Marcelo e também a exibição do filme *Se cria assim*. O diretor Cláudio Assis esteve presente na ocasião e, junto com Marcelo, conversou com os alunos. A partir daí, foi estabelecido um vínculo constante com a instituição, que incluiu visitas nossas à escola e agendamentos de atividades com os alunos no ateliê. Cada turma reagiu de maneira diferente, algumas mais tranquilas, outras agitadíssimas, com alunos que não paravam de correr em volta da obra *Tudo certo*, gerando assim outras dinâmicas com o grupo.

Os professores da Escola Sebastião Cabral propuseram que os alunos realizassem uma interpretação visual da obra que estava

instalada na escola. Muitos deles desenharam árvores mortas, outros, árvores de natal, caminhões carregando árvores, planetas, entre tantos outros que nos chamaram a atenção. Nesse período, a escola estava passando por uma reforma e duas turmas do ensino fundamental I tinham aula na quadra onde estavam instaladas as esferas. Percebemos que a forma como os professores propuseram se relacionar com *Entre a surpresa e o que se espera* tinha um caráter multidisciplinar.

No último encontro, a escola organizou uma festa de despedida, apresentando uma peça teatral e um bolo com o título da obra. Marcelo foi presenteado com um livro reunindo todos os relatos, desenhos e expressões de carinho dos alunos.



*Desenhos produzidos
pelos alunos em resposta
ao trabalho de Marcelo
Silveira.*

*AO LADO Bolo com o
título da obra preparado
pela equipe da escola.*

*Cristiana Tejo
e Kiki Mazzucchelli*

2 BOCHINCHE

2003

Estruturas com dimensões variadas em couro de boi (carmurça) e madeira (cajacatinga)

Trabalho instalado no IFPE – Instituto Técnico Federal de Pernambuco.

CABELUDAS

2005/2006

Crinas de cavalo, couro e aço inoxidável. 1,80x0,40x0,20m

Trabalho instalado na Escola de Referência em Ensino Médio do município de Belo Jardim.

Cabeludas é um trabalho que nasce da tentativa de Marcelo Silveira dialogar com os códigos e procedimentos da pintura. Seguindo o próprio artista, a pintura tradicional nunca foi um meio de expressão conducente à sua prática, fundada sobretudo em uma investigação sobre a tridimensionalidade. Formada por um conjunto de crinas de cavalos tingidas em vários tons de vermelho e castanho suspensas em uma fileira que cria uma gradação

Bochinche é uma instalação formada por colunas de tiras de couro de boi trançadas e dispostas verticalmente no espaço expositivo, cujas extremidades superiores são afixadas em pequenas esferas de madeira presas ao teto. No início da segunda semana da Residência Belojardim, o trabalho foi instalado no hall de entrada do Instituto Técnico Federal de Pernambuco (IFPE), integrando-se à arquitetura de um local atravessado diariamente por centenas de alunos e funcionários do instituto. A presença dessas colunas moles e vazadas implicou na reconfiguração desse espaço de circulação, alterando provisoriamente a

cromática no ambiente onde é instalada, esta obra possui um forte apelo visual e tátil, trazendo o pensamento pictórico para o plano espacial. Apresentada no corredor de entrada da Escola de Referência em Ensino Médio (EREM) do município de Belo Jardim, *Cabeludas*, assim como *Bochinche*, ficou inteiramente à disposição dos alunos e funcionários da escola durante a residência, podendo ser manipulada livremente pelo público neste período.

percepção e o trajeto dos usuários dentro do edifício. Além disso, Silveira não impôs nenhum tipo de restrição em relação à interação do público com o trabalho. Ao longo das semanas em que esteve exposto, *Bochinche* foi completamente reconfigurado pelo público, que trançou as diferentes colunas de tira de couro em grupos de emaranhados, descaracterizando o formato original da obra.

De origem espanhola, a palavra “bochinche” significa literalmente bochicho em português: um ajuntamento ruidoso de pessoas, uma confusão ou tumulto, ou ainda maledicência ou boato sem fundamento. Por sua vez, as tiras de

couro entrelaçadas na instalação de Silveira parecem materializar as diversas vozes que se entrecruzam num bochicho e as falhas, interrupções e mal-entendidos que emergem dessa polifonia. Por causa da ação dos estudantes do IFPE sobre os elementos da instalação, a desmontagem da obra ao final da residência foi muito mais trabalhosa do que o esperado. Apesar disso, o artista interpretou a reconfiguração de *Bochinche* pelo público com galhardia, afirmando que havia entendido aquilo como uma tentativa de “juntar conversas” em um trabalho que “fala de conversas paralelas”.

Ao instalar obras em instituições de educação formal (IFPE e EREM) como parte de seu projeto em Belo Jardim, Marcelo Silveira retoma e amplia seu interesse em estabelecer processos de formação alternativos. Tendo estudado arte-educação no início de sua carreira e se autodeclarando um “arte-educador rebelde”, em ambos os casos o artista propõe um contato não mediado e horizontal entre espectador e obra, subvertendo as hierarquias de poder entre mestre e aluno. Sua proposta parece consistir, portanto, num aprendizado que se dá a partir do potencial sensível dos trabalhos e das questões que estes podem suscitar: todas elas igualmente válidas na medida em que abrem possibilidades para futuras descobertas e questionamentos.



Vista do hall de entrada do Centro Tecnológico do IFPE.



Neto, marceneiro do projeto, durante a instalação da obra Bochinche, usando os óculos de Marcelo e uma furadeira que nos foi emprestada pelo IFPE (só ela pra conseguir furar o concreto duro desse teto).

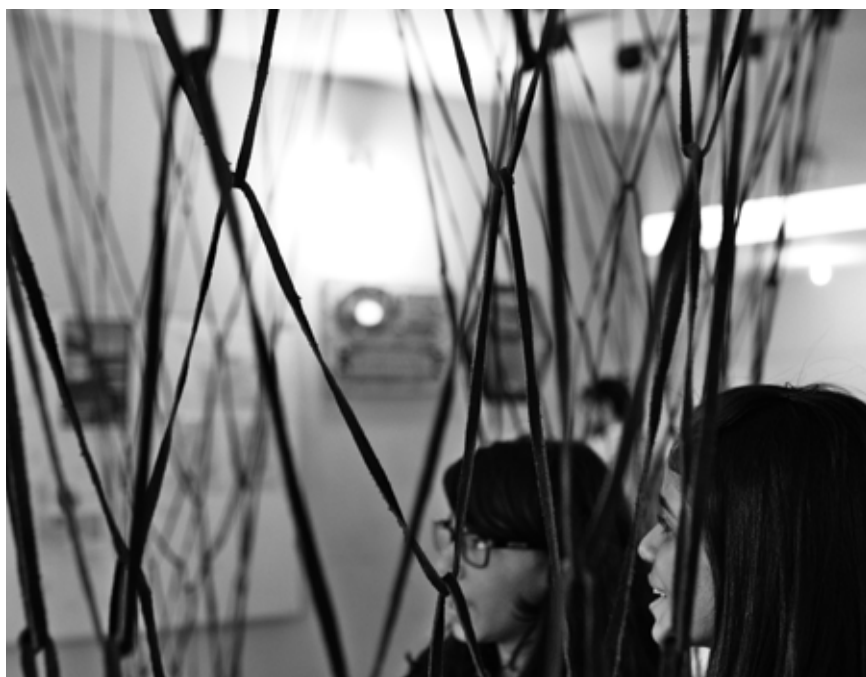


Marcelo, Yolanda, Beatriz, Edivanilda, Mayara e Raquel (filha de Elaine Lima). Elas estavam visitando o Festival Abril Cultural do IFPE e nos encontramos de surpresa, na instalação do Bochinche. Neste mesmo dia conhecemos Biluca!





A obra Bochinche fez parte do dia a dia dos estudantes que circulavam pelo Centro Tecnológico do IFPE.





Durante a visita da imprensa, os jornalistas e a equipe foram surpreendidos ao encontrar as obras emaranhadas umas nas outras.



Instaladas no hall de entrada da EREM Belo Jardim, as Cabeludas eram guardadas na secretaria da escola durante a noite, e reinstaladas a cada manhã pela equipe.



RELATÓRIO DO EDUCATIVO *Parte 2*

Bochinche — A obra que ficou localizada no centro do bloco de informática do Instituto Federal de Pernambuco (IFPE) – Campus Belo Jardim causou burburinho entre os alunos, professores e servidores que nunca haviam recebido uma intervenção artística desse tipo em seu convívio. A montagem durou dois dias e a obra ficou instalada durante um mês. A atividade de interação foi realizada durante a gravação do vídeo da obra, em que propusemos um diálogo simultâneo em volta dela, entrelaçando as falas e os olhares, numa atmosfera de burburinho.

Observamos que, no decorrer do tempo em que ficou exposta, a obra sofreu uma deterioração do material devido ao fluxo de alunos que sempre insistiam em tocar as redes de couro, acabando por desmanchar as tramas originais.



Cabeludas — As *Cabeludas* foram instaladas na Escola de Referência em Ensino Médio (EREM) e cumpriram o papel de receber os alunos na escola, já que foram dispostas estrategicamente no hall de entrada para que os adolescentes pudessem transitar por entre as crinas.

Aconteceu uma conversa entre Marcelo e uma das turmas sobre a arte contemporânea e a residência, e a partir disso foram elaborados textos sobre seus respectivos pontos de vista.

A obra, que ficou na escola durante um mês, era diariamente removida e instalada por precaução, já que estava em um local aberto. No dia da desmontagem, saímos em cortejo pelas ruas da cidade acompanhados por Marcelo, Cristiana Tejo e duas turmas, observando e questionando a resistência das platibandas das casas, que é uma característica marcante da arquitetura da cidade. Passamos pela loja *Sódebonito* e a exploramos rapidamente por conta do horário de retorno dos alunos à escola. Em seguida, nos dirigimos ao ateliê, onde apresentamos as demais obras que estavam ali.

30 de março, das 18h às 20h30
FÁBRICA MARIOLA
RESIDÊNCIA BELOJARDIM
MARCELO SILVEIRA

Encontro 1, tema:
FALA / CONVERSA

... **“CABELO COM ORGULHO É CRINA”...**

Bochinche fala-nos da imprevisibilidade de fronteiras. Onde estamos ao olhá-la? Só o movimento de quem a contempla produz a intimidade necessária para entendê-la. Por isso, é preciso circulá-la para descobri-la. Assim, ao recebê-la em sua completa dimensão estética e de significados, a apreciação meramente fortuita, torna-se plena.

Cabeludas enreda-nos em seus fios e nos conduz a uma dualidade inevitável. Nela o real habita um limite tênue entre o que é e o que não é. Cabeludas surpreende-nos com a fragilidade das certezas.

MENU

Casquinho de peixe — Salada de trigo em grãos — Cubos de carne bovina — Rolinho de acelga — Chá de hibisco — Gelatina de café com calda de melado — Chá com biscoitinhos

Ateliê Aberto
Horário de visitação
Segunda a sexta,
das 14h às 18h
20/3–19/5/2017

residenciabelojardim.tk
fb.com/residenciabelojardim
@residenciabelojardim



Estiveram à mesa
Adilza Costa (Escola Sebastião Cabral)
Andrea Celina (Escola Sebastião Cabral)
Brenda Braga (ICM)
Dawson Monteiro (IFPE)
Juliana Serafim (ICM)
Lauciete Maria (ICM)
Nádia Almeida
Socorro Silva (ICM)
Sté Santos (ICM)
Teté

com a equipe
Aline Silva
Anailza Silva
André Vieira
Bernardo Teshima
Cristina Huggins
João Lucas
Marcelo Silveira
Mônica Silveira
Pierre Tenório

*PÁGINA 43 Convite para o primeiro
encontro proposto pela Residência
Belojardim. Texto de Cristina Huggins.*



*Primeiro encontro organizado pelo artista
Marcelo Silveira na Fábrica Mariola.*

*Cristiana Tejo
e Kiki Mazzucchelli*

3 SÓ DE BONITO

2017

Estantes de madeira, placa indicativa de comércio e atores como atendentes da loja.

Sódebonito é uma das obras inéditas comissionadas dentro do âmbito da Residência Belo Jardim. Marcelo Silveira conta que ouviu a expressão “só de bonito” de um senhor que lhe ofereceu essa resposta singela ao ser perguntado para que servia um determinado objeto. Tomando como ponto de partida os possíveis sentidos contidos naquela frase, o artista alugou uma pequena loja comercial no calçadão central de Belo Jardim, uma das áreas de maior movimento de pedestres da cidade. No espaço interno do estabelecimento, foram instaladas prateleiras de madeira sobre as quais Silveira dispôs uma série de objetos e fragmentos de vidros de vários tipos — copos, garrafas, peças decorativas etc. — que fazem parte da coleção

pessoal que o artista vem atraindo há muitos anos. A fachada da loja foi decorada com um logotipo que reproduz a mesma frase, especialmente desenhado pelo artista de modo a emular a sinalização das casas comerciais da vizinhança. Além disso, recrutou os funcionários do setor educativo da residência para se revezarem como performers durante os períodos de abertura da loja, instruindo-os a responder sempre “é só de bonito” a quaisquer perguntas feitas pelas pessoas que entravam ali. Apesar de estar localizada no centro comercial da cidade e replicar todos os códigos de uma loja comum, a instalação *Sódebonito* não realiza nenhuma transação comercial nem oferece objetos utilitários.

Em um primeiro momento, Silveira cria uma surpresa em relação às expectativas dos clientes do estabelecimento, que logo percebem não se tratar de uma loja comercial. A partir dessa constatação, o público passa a questionar o que seria aquilo e qual seria seu propósito. Ao longo das semanas em que ficou aberta, *Sódebonito* recebeu uma diversidade de frequentadores regulares, indivíduos que faziam questão de visitar o local quase diariamente, incorporando-o em suas rotinas. Em última instância, a obra levanta uma questão sobre a própria natureza da arte: é aceitável que um trabalho artístico hoje seja “só de bonito”? Ou cabe à arte cumprir uma função social, política ou educativa?



Detalhe do Sódebonito

6 de abril, das 18h às 20h30
FÁBRICA MARIOLA

RESIDÊNCIA BELOJARDIM MARCELO SILVEIRA

Encontro 2, tema:

SÓ DE BONITO

Só de bonito é uma construção de desejos. Não há urgências para conquistar o espectador. Há tempo para passar os objetos em revista, gradual e lentamente. Nessa loja os produtos existem para despertar excitação e encantamento, mas, também, para trazer à tona reflexões sobre ter e possuir.



MENU

Caldo de jerimum com gengibre e pão de cereais – Risoto verde – Legumes grelhados – Cubos de frango – Banana comprida – Chá de capim santo gelado com limão

Ateliê Aberto
Horário de visitação
Segunda a sexta,
das 14h às 18h
20/3–19/5/2017

residenciabelojardim.tk
fb.com/residenciabelojardim
@residenciabelojardim

Estiveram à mesa
Carlos Magno (IFPE)
Cícera (Barro Branco)
Cida Lima (Sítio Rodrigues)
Emanuelle Sales (IFPE)
Fabiana (Barro Branco)
Jailson Lima (Sítio Rodrigues)

com a equipe
Aline Silva
Anailza Silva
André Vieira
Bernardo Teshima
Cristina Huggins
Hugo Coutinho
João Lucas
Marcelo Silveira
Martha Ferreira
Mônica Silveira
Neto
Pierre Tenório

*PÁGINA 49 Convite para o segundo
encontro proposto pela Residência
Belojardim. Texto de Cristina Huggins.*



Segundo encontro organizado na Fábrica Mariola.

RELATÓRIO DO EDUCATIVO *Parte 3*



O processo de montagem da loja desencadeou uma série de questionamentos na vizinhança por não saberem do que se tratava o novo comércio localizado no Calçadão do Centro da cidade.

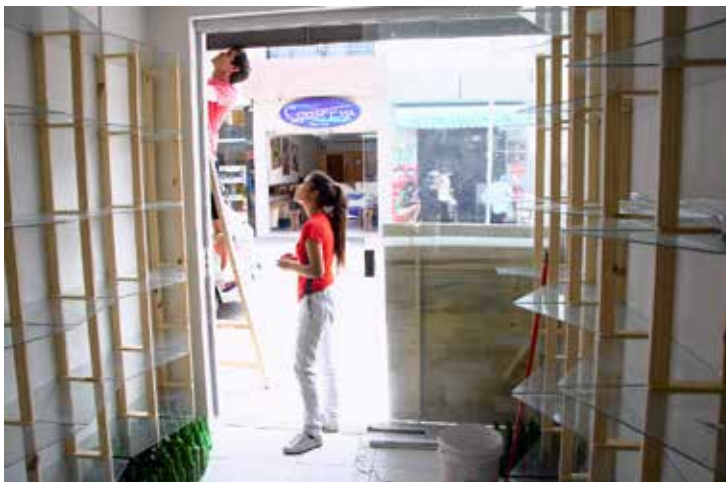


Equipe do educativo e o marceneiro Neto preparam o letreiro do Sódebonito.

Durante os três dias de montagem, Marcelo manteve o ar de mistério sobre a loja, até que chegou o grande dia da inauguração. A princípio, para atrair os possíveis clientes, foi cogitado chamar um Trio de Pífanos, mas finalmente foi sugerido que a equipe do educativo o fizesse, e ficamos em dúvida sobre o que propor.

Na base do improvisado, dispomos como palco os grandes caixotes nos quais a mercadoria viera. Entregaram-nos pratos e colheres, que utilizamos como instrumentos musicais, criando sonoridades muitas vezes aleatórias, unidas à melodia do clarinete de Martha. Enquanto convidávamos as pessoas, a vizinhança e os passantes se aglomeraram no espaço e puderam perceber que se tratava possivelmente de uma loja de vidros. Houve um fluxo razoável de pessoas, e esse foi apenas o começo.





Montagem do trabalho.

*AO LADO Equipe do
educativo recebe
visitantes no Sódebonito.*

A loja abriu diariamente de segunda a sexta em horário comercial, das 8h às 12h e das 14h às 18h, durante o período de dois meses. No decorrer deste tempo, ao perceberem que não se tratava de um comércio comum, pois os objetos não estavam à venda, e sim “só de bonitos”, as reações das pessoas foram as mais hilárias possíveis.



O que chamou a atenção de todos nós foi a visita diária de um grupo de meninas, que, com suas histórias de vida rodeadas por tantas dificuldades, acabaram comovendo a todos. Também a presença constante de Dona Conceição, uma marcante musicista da cidade, que mantém a tradição de uma das bandas de música centenárias de Belo Jardim (Sociedade de Cultura Musical) e mora na rua em que a loja foi instalada. Sempre que ia conversar sobre arte e suas vivências com a música, sentimos muito forte o desejo que ela tem de ver a banda continuar e a crença de que a música pode transformar

realidades. Por isso, até hoje, apesar das dificuldades, ela mantém a perseverança na educação musical.

Muitas pessoas perguntaram se as prateleiras vazias estavam à venda, ou mesmo se ainda faltava organizar os objetos. Outras questionaram os vidros quebrados e algumas admiraram e entenderam o contexto de obra de arte.

Fizemos mais relatos sobre as reações no livro de presença, onde estão registradas as assinaturas de todos que por lá passaram.





Inauguração do Sódebonito, no Calçadão de Belo Jardim, com participação especial do cineasta Cláudio Assis e performance de André, Barbara, Martha, Pierre, Vanessa e Wellington.





Belo Jardim, 6 de abril de 2017

Querida Clarissa,

Como vai você? Como vai Recife? Foi com alegria que recebi seu pedido para escrever sobre a Residência Belojardim, que abre este ano tendo Marcelo Silveira como artista residente aqui no agreste de Pernambuco, na cidade de Belo Jardim. Estou trabalhando como produtor local e assistente das curadoras Cristiana Tejo e Kiki Mazzucchelli, e é deste lugar que posso compartilhar as impressões dessas primeiras semanas dos dois meses de estada aqui na cidade.

Sobre a nossa chegada oficial, que se deu no dia 18 de março, após dois meses de pré-produção, gosto bastante da ideia de Marcelo de pensá-la como a chegada de um circo na cidade, aos poucos descompactando o amontoado de troços dos caminhões, e estendendo as obras nas ruas, armando nossa casa e o ateliê, convidando e sendo convidados a viver este encontro. Esse encontro é por vezes mediado pela estranheza, como com a obra *Entre a surpresa e o que se espera* (2001), que foi instalada nas ruas de Belo Jardim na primeira semana da residência e a cada madrugada era levada a ocupar um lugar diferente na cidade. A obra de Marcelo não consegue passar despercebida e, apesar da grande escala de boa parte das obras instaladas aqui, o olhar de Marcelo está muito interessado também nos pequenos gestos, nas conversas ligeiras, nas estratégias de demorá-las e no bochicho produzido em torno do seu trabalho. As obras são motes para tudo isso e mais ainda, elas versam materialmente sobre essas situações de diálogo, sobre os modos de tecer essas conversas.

Objeto do Sódebonito, presente de Marcelo para André no encerramento da Residência.

ABAIXO
As muitas chaves dos espaços que a Residência Belojardim ocupou: ateliê, casa e loja.



Ocupar esta dupla função, como produtor e curador iniciante, que dá seus primeiros passos através dessa assistência, é o desafio de, por exemplo, ao mesmo tempo em que se tenta localizar um guincho para o transporte de um objeto de meia tonelada, conseguir manter o olhar e a escuta sensíveis, o corpo inteiro atento às escolhas sutis do artista e da obra. Como na montagem do *Sódebonito* (2017), obra que está em desenvolvimento no centro comercial da cidade, que, nas estantes vazias ou no acúmulo concentrado de peças que perderam seu uso inicial, só pode oferecer ao cliente a boniteza, nunca a posse. Na segunda-feira, em meio ao turbilhão de tarefas a serem realizadas a poucas horas da sua inauguração, dei-me conta da cena na qual estava inserido, Marcelo e eu sentados no chão da loja, em profunda alegria, organizando sua coleção de garrafas vazias e vidros por composições cromáticas, como numa brincadeira de criança. É partindo dessa suspensão do tempo através da obra em meio às demandas práticas que envolvem um projeto deste porte que me interessa e me instiga pensar a importância do desenvolvimento e criação de arte fora dos grandes centros, e que não está desenhada de forma alguma só como papel formador de um público que em teoria teria menos acesso à arte; pelo contrário, nos interessa muito mais é compreender os fazeres locais e produzir as imbricações sem negar nenhum dos lados. Afinal, esses lados existem? É muito interessante lidar com arte contemporânea inserida num meio com o qual esta própria definição de arte não consegue se explicar muito ou não se sustenta, e penso que inaugurar esta série de residências, que pretende se construir ao longo prazo com o trabalho de Marcelo, foi uma escolha muito certa, justamente pela porosidade da sua obra. É que, por mais que a obra do Marcelo se apresente como elementos por vezes estranhos aos ambientes, já que os trabalhos estão sendo instalados fora dos espaços museais, ocupando de fato a cidade e outras instituições públicas, como escolas e institutos, curiosamente têm recebido sempre um acolhimento extraordinário por parte destes.

É incrível a cidade poder acompanhar oito obras sendo desenvolvidas, entre remontagens e trabalhos inéditos, como as obras *Bochinche* (2003), *Cabeludas* (2005), o *Livro das presenças e das ausências* (2017) e *Tudo certo* (2010), esta última realizada para a 29ª Bienal de São Paulo e que só agora está sendo reinstalada, também ganhando um desdobramento sonoro inédito, em parceria com um coral da cidade e que muito em breve poderá ser compartilhado.

Vivemos um momento de extrema fragilidade civil e, para fortalecer os pequenos grupos, precisamos, antes de tudo, possibilitar a criação destes. Estamos muito desarticulados em muitos sentidos e é

uma joia preciosa poder instaurar espaços de convívio, situações de mesa, de acolhimento dos diferentes pensamentos, de incitação do debate através das artes visuais. Todos nós estamos vivendo os desafios da cidade junto a ela, como a escassez de água, que é um problema grave por aqui. Lidamos o tempo inteiro com essas dificuldades locais (que também são globais), e o grande compromisso de um ciclo de residências como este, que não pode negar o contexto no qual está imerso, é no mínimo funcionar como ativador, impulsionando a ação coletiva. Se isto puder acontecer em torno de uma grande mesa, partindo da necessidade básica que é a alimentação, maravilha! É isto que a residência de Marcelo está interessada em produzir. É isto que entendemos como micropolítica.

Em breve poderei compartilhar contigo mais sobre os caminhos percorridos na Residência Belojardim, na medida em que eles também forem ganhando formas, ou disformas. Ficarei atento.

Um abraço forte,
André

*Cristiana Tejo
e Kiki Mazzucchelli*

4 COM-PACTO

2015

Mobiliário em madeira
Trabalho instalado na
Escola Técnica Estadual
(10 a 17 de abril),
restaurante do Hotel Belo Jardim
(18 de abril a 1º de maio)

Com-pacto é uma escultura formada por quatro cadeiras de madeira voltadas para um mesmo centro e atadas umas às outras nas laterais, formando uma espécie de roda de conversa fechada em si mesma. Marcelo apropria-se desses objetos cotidianos e remove sua função de mobiliário, criando um trabalho que explora as qualidades formais das cadeiras ao mesmo tempo em que evoca ideias relativas à interlocução entre pequenos grupos e a formação de pactos comuns. Refletindo o interesse do artista nas possibilidades da linguagem e na criação de sentidos múltiplos, o uso do hífen no título da obra aponta simultaneamente para a operação de redução da escala das peças de mobiliário a

partir de sua fusão e para a ideia de criação de pactos e alianças promovidos por meio da troca entre indivíduos. Assim, este trabalho talvez seja um dos mais emblemáticos da ideia da conversa — e das trocas, interrupções e mal-entendidos que emergem dela — como eixo central do projeto desenvolvido por Silveira para a residência.

Em Belo Jardim, a obra *Com-pacto* foi instalada durante uma semana na Escola Técnica Estadual e depois deslocada para o restaurante do Hotel Belo Jardim, espaços semipúblicos em que o trabalho se mistura com mais fluidez ao mobiliário presente em seu entorno.



Obra Com-pacto instalada no restaurante do Hotel Belo Jardim.

RELATÓRIO DO EDUCATIVO *Parte 4*

Na impossibilidade de ser instalada no pátio da empresa Moura, a obra passou pela Escola Técnica Estadual Edson Mororó Moura (ETE) e, ao ser montada, o jogo de cadeiras chamou a atenção dos estudantes e funcionários. No decorrer da montagem, foram se aproximando mais alunos na curiosidade de saber o que estava acontecendo, até chegar ao ponto de nos dirigirmos ao auditório da escola onde houve um diálogo com Marcelo. Em seguida, *Com-pacto* foi levado e localizado entre as mesas do Hotel e Restaurante Belo Jardim, próximo à entrada da cidade. Nas últimas semanas, com o retorno para o ateliê, foi possível o acesso à obra pelas escolas e demais visitantes.

AO LADO *Obra Com-pacto na Escola Técnica Estadual Edson Mororó Moura.*

PÁGINAS 68–69 *Palestra de Marcelo Silveira na escola.*









Com-pacto no restaurante do Hotel Belo Jardim.

11 de abril, das 18h às 20h30
FÁBRICA MARIOLA

RESIDÊNCIA BELOJARDIM **MARCELO SILVEIRA**

Encontro 3, tema:

COMPACTO

A ausência de uma mesa tem sua presença afirmada por meio de cadeiras-personagens. Nesse cenário, 'convidados' entrelaçam conversas de assentimento e oposição. O mobiliário sintético é, também, uma representação crítica a uma sociedade que abusa do consumo e da extravagância.



MENU

- Queijo coalho tostado com mel e alecrim
- Pirão de peixe – Salada verde
- Salada especial – Creme de manga
- Chá mate com limão

Ateliê Aberto
Horário de visitação
Segunda a sexta,
das 14h às 18h
20/3–19/5/2017

residenciabelojardim.tk
fb.com/residenciabelojardim
@residenciabelojardim

Estiveram à mesa:
Dona Conceição
Galba Cristiane (EREM)
Marcus Fontes (ICM)
Michael Asbury

com a equipe
Aline Silva
Anailza Silva
André Vieira
Bernardo Teshima
Luiza Mello
Marcelo Silveira
Mônica Silveira
Priscila Gonzaga
Vanessa Melo
Wellington Silva

*PÁGINA 71 Convite para
o terceiro encontro proposto pela
Residência Belo Jardim.
Texto de Cristina Huggins.*

*AO LADO Terceiro
encontro no ateliê da
Fábrica Mariola.*



*Cristiana Tejo
e Kiki Mazzucchelli*

5 TUDO CERTO

2010

Instalação com madeira cajacatinga
Trabalho instalado na Fábrica Mariola

TUDO CERTO (MOMENTO 2)

2017

Voz (Coral Moura), disco em vinil,
formato 7" (compacto), duração 10'

TUDO CERTO — PERFORMANCE

2017

A obra *Tudo certo* foi realizada a partir de um tronco centenário que o artista encontrou caído na mata de um antigo engenho de açúcar pertencente a seus familiares. A cajacatinga é hoje uma madeira em extinção, tendo sido largamente explorada para o uso nas rodas dos engenhos pela sua resistência à ação da água. Silveira seccionou o tronco encontrado em setenta pedaços de tamanhos diferentes, que foram esculpidos de modo a planificar a estrutura cilíndrica da madeira e dispostos numa grande

instalação de chão. Ao evocar a memória do maquinário utilizado durante o ciclo do açúcar, aliada às memórias afetivas do artista, o trabalho aponta, simultaneamente, para ideias relativas à obsolescência dos ciclos econômicos, o rompimento de laços familiares, a extinção das espécies e também a possibilidade de transformação que sucede a morte ou a perda. A instalação *Tudo certo* foi comissionada pela 29ª Bienal de São Paulo (2010), onde foi apresentada pela primeira vez.

Gravação e execução do Tudo certo com o Coral Moura. Thelmo Cristovam passou três dias na cidade gravando as vozes do coral individualmente. O resultado do processo de edição foi performado por três carros de som.



A obra sonora *Tudo certo*, que compartilha seu título com a grande instalação de troncos de madeira apresentada na Fábrica Mariola, foi produzida no âmbito da Residência Belo Jardim. Ambos os trabalhos partem de uma experiência pessoal do artista, cujo pai, já nos últimos anos de vida e passando por uma série de problemas financeiros e de saúde, respondia sempre com a frase “tudo certo” ao ser perguntado sobre sua situação. Embora não houvesse variação semântica, as diferentes entonações empregadas por seu pai ao proferir repetidamente a mesma frase traíam uma vasta gama de emoções que revelavam os múltiplos significados ali contidos: angústia, resignação, serenidade e assim por diante.

Neste trabalho sonoro, Marcelo Silveira criou uma série de partituras nas quais a frase “tudo certo” foi executada e gravada em diferentes entonações por membros de um grupo de coral e da equipe educativa da Residência Belo Jardim. O processo de gravação se deu individualmente, sem que os participantes pudessem ouvir a gravação dos colegas. Esse material foi editado por um engenheiro e posteriormente apresentado em três carros de som que partiram da Fábrica Mariola e percorreram a praça central da cidade por uma hora. Nesse mesmo dia, foi realizado o último encontro-jantar promovido pelo artista no âmbito da Residência Belo Jardim, que contou com a presença de Fabiana Moraes e Moacir dos Anjos.



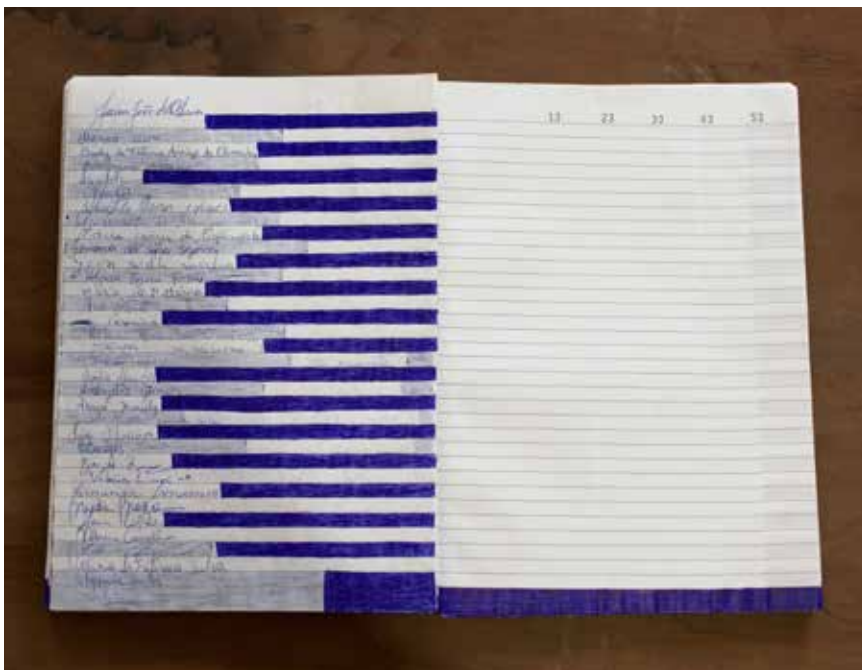
João Lucas, da Jacaré Filmes, prepara os equipamentos para registro da performance Tudo certo pelas ruas de Belo Jardim.



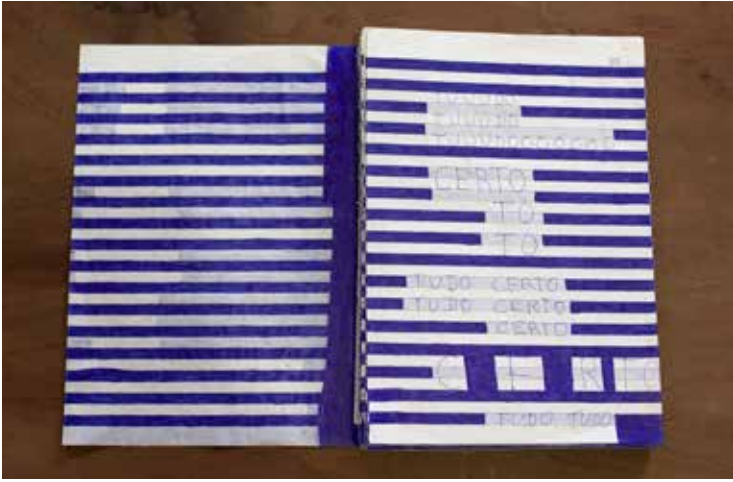
Rafa dos Telões.

A última etapa da obra *Tudo certo* compreendeu a difusão da gravação feita pelo Coral Moura por quatro carros de som, um dos meios de comunicação mais usados em Belo Jardim, por todas as partes da cidade. Marcelo Silveira pediu que os motoristas rodassem por uma hora. O horário marcado era às 9h, mas houve um atraso de meia hora. Enquanto os carros de som circulavam pelas ruas, muitas pessoas os paravam perguntando se aquilo era campanha política. Marcelo Silveira e a equipe ficaram na praça central observando o movimento dos carros e a recepção do público. Numa certa altura, a curadora

Cristiana Tejo foi perguntada por Abel Propagandas se aquela mensagem era do grupo contrário ao prefeito João Mendonça, que já sabia do resultado do Supremo Tribunal Eleitoral sobre a impugnação de sua campanha e mandato. Assim que terminou de perguntar, muitos fogos de artifícios começaram a pipocar no céu e motoristas a buzinar seus carros e motos. De fato, naquele momento, saía a resolução do STE favorável ao afastamento do então prefeito. Sem prever, por pura coincidência, *Tudo certo* misturou-se a um dos episódios políticos recentes mais importantes da história de Belo Jardim.



Detalhe da produção do Livro das presenças e das ausências, em processo durante toda a residência, que consistia em preencher com tinta de caneta os espaços em branco das assinaturas de pessoas que visitavam o ateliê e as obras, completado com o esquema de roteiro para interpretação de Tudo certo.



RELATÓRIO DO EDUCATIVO *Parte 5*



Recebemos a Escola Municipal Sebastião José, a Escola Municipal Nossa Senhora do Bom Conselho, a Escola Municipal Sebastião Cabral, e a Escola de Referência em Ensino Médio (EREM).

Inicialmente, levamos as turmas para a área aberta do ateliê, onde ficam localizadas as máquinas da

antiga Fábrica Mariola. Em volta da obra, desenvolvemos a dinâmica do coro *Tudo certo*: separamos os alunos em pequenos grupos, aos quais entregamos diferentes partituras não convencionais em que a frase *Tudo certo* estava escrita em vários tamanhos que sugerem entonações diversas.

AO LADO *Atividade educativa em torno da obra Tudo certo.*

ABAIXO *Exibição do documentário Se cria assim, de Cláudio Assis.*



Cada grupo foi instruído a ler o texto de acordo com a entonação sugerida até que todos os grupos estivessem realizando sua “performance” simultaneamente, como foi feito no trabalho de gravação da faixa em estúdio pelo Coral Moura.

Após essa atividade, exibimos os vídeos sobre as demais obras de

Marcelo que estavam espalhadas pela cidade. Para as turmas de ensino fundamental II, mostramos o capítulo do documentário *Se cria assim*, do diretor Cláudio Assis, que aborda o processo criativo das obras de Marcelo.

Ao fim das atividades, apresentamos a biblioteca à meninada, que adorou tanto os livros de arte visual quanto os de poesia. Foi incrível ver o entusiasmo delas ao lidar com um material diferente do convencional, e importante também para nós do educativo ver o outro se deparar com o novo.



Próximo à finalização dos trabalhos, o áudio oficial do *Tudo certo* foi transmitido em três carros de som que transitaram em volta da Praça da Conceição, no Centro da cidade, em uma manhã de maio. Fomos surpreendidos por uma série de fogos de artifício que comemoravam a queda do prefeito da cidade. A coincidência fez com que muitas pessoas pensassem que esta era a razão dos carros de som gritando TUDO CERTO. No fim das contas...

Alunos exploram a biblioteca da residência.

AO LADO Leitura das partituras da obra sonora Tudo certo como parte das atividades propostas pela equipe do educativo.





*Equipe do educativo em
trabalho com os alunos.*

21 de abril, das 18h às 20h30
FÁBRICA MARIOLA
RESIDÊNCIA BELOJARDIM
MARCELO SILVEIRA

Encontro 4, tema:

TUDO CERTO

'Tudo certo' sobrepõe-se ao significado meramente semântico da expressão. Os variados contextos vestem-no de novos sentidos. Tudo certo é tudo bem; tudo certo é tudo mais ou menos; tudo certo é tudo mal; tudo certo é também um corte no discurso do interlocutor.

MENU

- Creme de ervilha – Tubérculos assados
- Paçoca de carne – Abacaxi grelhado com hortelã – Suco de fruta

PARTICIPAÇÃO

ESPECIAL

DAS

TANAJURAS

Ateliê Aberto
Horário de visitação
Segunda a sexta,
das 14h às 18h
20/3–19/5/2017
residenciabelojardim.tk
fb.com/residenciabelojardim
@residenciabelojardim

Estiveram à mesa
Ariana Nuala
Gabriela Rodrigues (ICM)
Guilherme Benzaquen
Henrique Alves
Jailton Moreira
Marcela Lins
Valdirene Maria (ICM)

com a equipe
Aline Silva
Anailza Silva
André Vieira
Bernardo Teshima
Jaqueline
João Lucas
Marcelo Silveira
Neto
Nilda
Vanessa Melo

*PÁGINA 85 Convite para o
quarto encontro proposto
pela Residência Belo Jardim.
Texto de Cristina Huggins.*



*Quarto encontro da
Residência Belo Jardim na
Fábrica Mariola.*



Tanajuras e tapioca.

Durante sua residência em Belo Jardim, interior do estado de Pernambuco, Marcelo Silveira apresentou — entre outros trabalhos espalhados pela cidade — a instalação *Tudo certo* (2010) dentro da antiga Fábrica Mariola. No período da residência, Marcelo propôs utilizar este trabalho como um meio de provocar diálogos com a população local, criando uma relação com a cidade e seus habitantes. Outros trabalhos foram instalados em escolas, uma loja foi ocupada e algumas instalações foram construídas em áreas comuns.

Ao observar a instalação na antiga fábrica, um visitante fez um comentário que chamou a atenção de Marcelo. Essa pessoa, que não tinha nenhuma experiência prévia de arte contemporânea, mencionou que o trabalho lembrava o leito de um riacho. A ideia da forma em fluxo pareceu óbvia a Marcelo, a tal ponto que se surpreendeu de não ter pensado nisso antes. A instalação é composta por vários fragmentos de madeira posicionados no chão e levemente sobrepostos, que remetem ao movimento das ondas.

Tudo certo era a expressão que seu pai, no final de sua vida e então já senil, repetia incessantemente e em entonações que variavam da risada ao choro. O pai de Marcelo, o Sr. Mário Vieira, cumpriu um papel crucial na opção profissional de seu filho. Embora conservador, ele preferia o filho artista. Ele via os artistas, de forma objetiva, como empreendedores pequenos, porém independentes. Como acontece normalmente nas famílias tradicionais, quem assumiu os negócios familiares foram os irmãos de Marcelo, que então foi estimulado, e não restringido, em suas ambições criativas. Ele recorda que seu interesse pela madeira surgiu de um hábito de seu pai, que lhe trazia objetos curiosos como pedras, vidros, ou até mesmo frutas exóticas que encontrava em seu cotidiano. A madeira, esse material que é ordinário quando abundante, pode também

Michael Asbury é professor de História e Teoria da Arte e ex-vice-diretor do centro de pesquisa Transnational Art, Identity and Nation (TrAIN). Especialista em arte moderna e contemporânea brasileira reconhecido internacionalmente, publicou extensivamente e organizou inúmeras exposições no Reino Unido, Europa e América Latina. Dedicou-se atualmente a uma publicação sobre Marcelo Silveira e visitou a Residência Belojardim para acompanhar a imersão do artista.

ser nobre quando escassa. Existe algo nesta inflexão, da abundância à escassez, que marcou a maturidade de Marcelo como artista.

Com o declínio do cultivo da cana na região e, conseqüentemente, de sua própria subsistência, o Sr. Vieira tomou a decisão radical de deixar de produzir cachaça para plantar bananas.

O maquinário de processamento da cachaça, de onde vem o termo “engenho”, que havia servido à família por diversas gerações, foi desmontado e suas partes (a roda d’água, as engrenagens e a estrutura de suporte) foram retiradas e desmembradas.

Essa madeira com a qual o equipamento do engenho foi construído se chama cajacatinga, o nome popular de uma árvore do gênero *Lamanonia* que é predominante na América do Sul. Seu uso nas rodas dos engenhos é devido principalmente à sua resistência à água. De acordo com Marcelo, hoje está quase extinta na região.

Esse material foi doado a Marcelo — o “coleccionador de coisas inúteis” —, que passou a utilizar a cajacatinga em seus trabalhos. Quando isso aconteceu, Marcelo já havia começado a desenvolver sua carreira artística, embora, naquele ponto, ainda não houvesse forjado uma linguagem própria, um modo de fazer e de pensar a arte. A madeira cajacatinga, antigo maquinário provedor da subsistência da família, veio para dar um caráter próprio à sua prática e à sua identidade como artista, caracterizando todo um novo modo de pensar e produzir arte.

A madeira utilizada especificamente na instalação *Tudo certo* provém do último tronco de cajacatinga remanescente no engenho. Esse tronco estava caído há oitenta anos na mata nos arredores do engenho e se tornou uma espécie de ponto turístico no local; a família inclusive fazia excursões a cavalo para o alto de um morro para avistar o tronco, que media 7 x 3,5 m.

O tronco foi extraído do local e todas as superfícies (neste local, a madeira não estava carbonizada) consumidas pelo clima foram lixadas até que a cor natural da madeira reemergisse. Este processo produziu superfícies finas em forma ondulada. Essas ondas, que definem o caráter estético da obra, do conjunto das partes, têm de fato uma função específica, pois criam uma resistência contra envergonhamentos, fortalecendo a estrutura individual.

Acompanhada deste processo físico de transformação da madeira, podemos notar também outra transformação de ordem poética e simbólica. Na instalação *Tudo certo*, o tronco da última árvore esquecida é reconfigurado como o fluxo da água, razão primeira pela qual foi cortada. A cajacatinga, afinal, era a madeira ideal para a construção da roda d’água e para outras funções em que a resistência aos fluidos era essencial. Assim, completa-se um ciclo, do fluxo familiar e da empresa, da qualidade física à poética da matéria.



*Vista da instalação
Tudo certo na
Fábrica Mariola.*



Estudantes em visita ao atêlie, conversando e conhecendo a biblioteca.

Eram quase sessenta crianças da Escola Municipal Sebastião Cabral que vieram visitar o ateliê de Marcelo Silveira na antiga Fábrica Mariola. Tinham entre 10 e 12 anos e foram logo levadas para a parte do galpão em que se encontram as mesas dos encontros-jantar. Uma das professoras tentava organizar os alunos de tal forma que eles formassem grupos ao redor das mesas. Para cada equipe, foi entregue um roteiro com os dizeres gravados no trabalho *Tudo certo*, em que a frase é proferida com ritmos e entonações diferentes por cada participante, mas neste caso seria dita por várias vozes. As crianças foram entrando na brincadeira timidamente, mas havia um menino que insistia em se situar na margem — ficava mudando de grupo e não queria se sentar. Eu o observei rapidamente e me concentrei na atividade que estava ocorrendo. Encostei-me na parede perto de uma bicicleta que tinha acoplada a ela uma cesta de vime e este menino disparou: “Foram vocês que fizeram esta cesta?” Achei curiosa a pergunta e respondi: “Não, ela foi comprada. Eu não sei onde.” Kiki e eu organicamente começamos a encorajar os meninos desta mesa próxima à bicicleta a lerem o texto que havia sido dado a eles — “Tudoooooooooo certo. Certo. Certo. TO. TO. TUDO certo. CERTO” —, demonstrando que podiam gritar quando as letras estivessem em maiúscula. De todos, apenas Anderson realmente se entregou à tarefa, gritando a plenos pulmões quando assim o texto indicava.

Fomos para a parte de cima da fábrica, onde o trabalho *Tudo certo* se encontrava centralizado no espaço. As crianças todas performaram ao mesmo tempo os textos, criando uma polifonia de expressões. Posicionei-me no fundo da sala e mais uma vez fui interpelada por Anderson, que, apontando para o teto, perguntou: “Isso é tijolo?” Até aquele momento eu não havia prestado muita atenção na cobertura do prédio, pois o conjunto arquitetônico é deslumbrante e muito harmônico. Eu disse: “Eu acho que é uma telha feita de barro, talvez seja o mesmo material do tijolo.” Tirei

mais algumas fotos e me sentei no chão do outro lado da sala para observar a cena de outro ângulo e assistir ao vídeo que registra alguns dos trabalhos de Marcelo já instalados na cidade. Neste momento, notei que, aonde eu ia, Anderson me acompanhava e agora ele estava sentado ao meu lado. Enquanto passava o registro da interação do público com as *Cabeludas*, mas numa parte em que apenas o cabelo aparece, decidi perguntar o que ele achava que era aquele material:

— Isso é coisa de índio — replicou meu novo amigo.

— Índio? O que exatamente é de índio?

— Eu acho que é palha de casa de índio.

Num outro corte de imagens, deu para parecer que era algo animal. Voltei a cutucá-lo:

— Eu acho que está mais para ser uma crina de cavalo.

O amigo, que também havia aderido à nossa conversa, concordou, mas já inquirindo se não era cabelo grande de menina.

— É mesmo. Acho que a menina está de cabeça pra baixo.

Há um momento em que o ângulo da câmera abre e notamos que se trata de cabelos que caem do teto. Nossa conversa foi interrompida pelo convite de Marcelo para que as crianças acessassem a biblioteca. Diferentemente da grande maioria das crianças, que prontamente atenderam ao chamado e correram para a estante improvisada, Anderson permaneceu sentado ao meu lado. Eu o instiguei a ir buscar um livro. Ele balançou a cabeça em desaprovção. Voltei a insistir, desta vez dizendo que havia publicações com imagens muito bonitas e que poderíamos vê-las juntas. Seu rosto iluminou-se e deu um salto rápido, voltando com um livro grande de Maria Martins nas mãos. A essa altura, Kiki já estava sentada ao meu lado conversando com grupo de cerca de cinco meninos e meninas, e um deles abria um livro sobre as polaroids de Andy Warhol. Não consegui acompanhar a conversa porque meu amigo Anderson já apontava para a foto da escultura *Impossível* (1946) e me dizia:

— Isto aqui é uma mulher engolindo outra mulher.

Segui seu raciocínio e saí perguntando a cada nova imagem o que era aquilo que estávamos vendo. Vez por outra eu inquiria se a forma também não lembrava outro ser ou objeto e ele aquiescia ou retrucava que não; sua leitura era a definitiva e passávamos para a próxima fotografia. Chegamos a ver mais de vinte imagens de obras referenciais de Maria Martins através de seus olhos e só paramos porque as crianças haviam descoberto o livro *Truco*, de Jailton Moreira, artista que havia estado na semana anterior na Residência Belo Jardim e doado o livro para a nova biblioteca do projeto. Formado por trinta flipbooks, *Truco* foi uma grande

*Anderson,
de camiseta
vermelha.*



*Marcelo lê para
estudantes.*



sensação. Anderson trouxe um para vermos juntos e Kiki comentou que ele e seus amigos também poderiam fazer um livrinho como aquele. Seus olhos brilharam. Ao ter que passá-lo para um coleguinha, ele foi buscar outro material para interagir. Voltou com uma pulseira feita de fios que estavam sendo usados na feitura do *Camaleão*. Achei bonita e interroguei se tinha sido feita por ele. Ele sorriu e me pediu para conseguir mais um pouco de linhas. Obtive um pequeno chumaço e Anderson fez um anel para Kiki, para ele e para mim. Kiki me chamou a atenção para uma menina que lia há muitos minutos, completamente concentrada, *O Aleph*, de Jorge Luis Borges.

A professora aproximou-se de mim e disse com ar desolado:

— Anderson é um problema. Ele não é alfabetizado. Não consigo alfabetizá-lo.

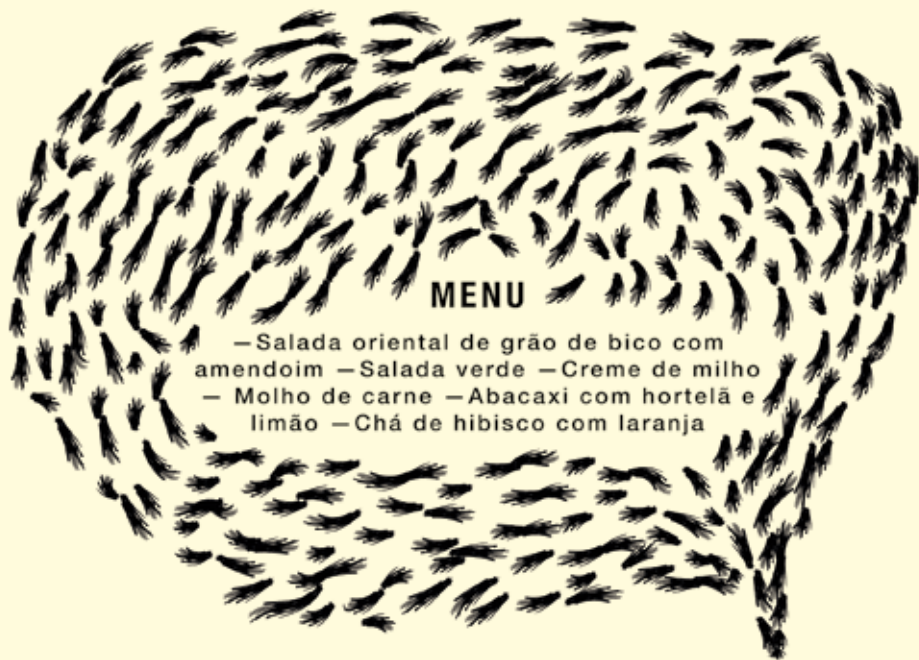
Isso me pegou de surpresa porque até então eu não havia notado que ele não lia. Comuniquei-me com ele facilmente e criei um vínculo que nos permitiu uma viva convivência por quase uma hora. Tive então o ímpeto de comentar sobre o método Paulo Freire e sobre a própria concepção pedagógica dele. Mas a escola estava despedindo-se e o ônibus os aguardava do lado de fora. Apenas propus que ela utilizasse imagens e assuntos que fossem do interesse dele, porque é um menino muito inteligente e cheio de habilidades. Ela suspirou e saiu agradecendo. Despedi-me de meu amigo Anderson e fui conversar rapidamente com a pequena leitora de Borges que estava devolvendo o livro para a biblioteca. Anelise me disse que tinha 10 anos. Perguntei se havia gostado daquela publicação e seu sorriso largo foi afirmativo. Comentei que ela poderia comprá-lo para terminar de lê-lo. Ela sorriu novamente e saiu.

27 de abril, meio do dia,
FÁBRICA MARIOLA

RESIDÊNCIA BELOJARDIM
MARCELO SILVEIRA

Encontro 5, tema:

TARTARUGA COMENDO BOI



MENU

– Salada oriental de grão de bico com
amendoim – Salada verde – Creme de milho
– Molho de carne – Abacaxi com hortelã e
limão – Chá de hibisco com laranja

Ateliê Aberto
Horário de visitação
Segunda a sexta,
das 14h às 18h
20/3–19/5/2017
residenciabelojardim.tk
[fb.com/residenciabelojardim](https://www.facebook.com/residenciabelojardim)
[@residenciabelojardim](https://www.instagram.com/residenciabelojardim)



Tartaruga comendo boi —
estiveram à mesa:
Bruno Albertim [Jornal do Commercio]
Carol Botelho [Jornal do Commercio]
Catarina Duncan
Isabelle Barros [Diario de Pernambuco]
Mariana Clarissa [Revista Sim]
Romero Rafael [Blog Social]

com a equipe
Aline Silva
Anailza Silva
André Vieira
Bárbara Amorim
Cristiana Tejo
Cristina Huggins
Hugo Coutinho
João Lucas
Kiki Mazzucchelli
Luiza Mello
Marcelo Silveira
Mariana Oliveira
Monica Silveira

AO LADO *Plateia*
na exibição do
filme *Boi neon*,
de Gabriel Mascaro.

PÁGINA 97 *Quinto encontro. Convite*
para a exibição do filme *Boi neon* na
Fábrica Mariola.

Cristiana Tejo **BOI NEON**



O projeto Residência Belo Jardim busca pensar vários tópicos sobre a região Nordeste a partir de uma experiência de imersão no Agreste de Pernambuco. Entre as questões que interessa à equipe da iniciativa, estão as temporalidades e as escalas econômicas que se entrelaçam neste território. Por Belo Jardim ter um passado recente de experimentações com o audiovisual, pensou-se em estimular esta discussão com o convite ao artista e cineasta Gabriel Mascaro para apresentar seu filme *Boi neon*, rodado próximo de lá, e conversar com o público local. A sessão ocorreu na Fábrica Mariola, bem ao lado

da instalação *Tudo certo*, e atraiu cerca de cinquenta pessoas. O diálogo foi muito animado e versou sobre aspectos técnicos da obra e sobre as várias camadas que o trabalho abarca, desde a ascensão econômica da classe C nos últimos anos até a implosão de estereótipos de gênero. Assistir a *Boi neon* dentro de uma fábrica desativada, que simboliza um ciclo econômico do Brasil, e ao lado de uma obra que remete à história do açúcar trouxe um entendimento situado e amplificado para as pessoas que estiveram presentes.

*Cristiana Tejo
e Kiki Mazzucchelli*

6 DEUSQUEIRAQUENÃOCHOVA

2014

Estrutura de madeira e tecido
Trabalho instalado na comunidade
quilombola do Barro Branco

Deusqueiraquenãochova é uma instalação ao ar livre que evoca as estruturas temporárias utilizadas nos circos e festivais itinerantes. O trabalho é inspirado nas memórias de infância de Silveira, que frequentou muitos circos que utilizavam estruturas sem teto em sua cidade natal, no agreste de Pernambuco, já que a possibilidade de chuva era ínfima. O artista explora a noção de espetáculo associada ao circo com o problema da seca, exibido como uma espécie de atração pelos veículos de comunicação de massa.

A instalação é formada por uma construção oval simples

estruturada como um esqueleto de sarrafos recobertos por um tecido de cor crua, sem nenhuma entrada de acesso ou cobertura. O título da obra ecoa a esperança do público em sua expectativa de ver o espetáculo acontecer. No entanto, em *Deusqueiraquenãochova*, o espetáculo nunca acontece — e, caso acontecesse, não seria visível aos espectadores. O trabalho se dá justamente na suspensão desse estado de expectativa, tanto em relação ao que seria esse espetáculo quanto no condicionamento de sua realização às variações meteorológicas. Paradoxalmente, no dia em que o trabalho foi montado,



Deusqueira não chova
no Sítio Barro Branco.

a estrutura colapsou após uma chuva intensa.

Durante sua pesquisa de campo em Belo Jardim, Silveira conheceu a comunidade quilombola de Barro Branco, uma área de beleza natural ímpar cujos moradores enfrentam uma série de dificuldades, que incluem desde a falta de reconhecimento oficial de sua condição quilombola à inviabilidade de desenvolvimento de sua produção agrícola devido aos longos períodos de estiagem que assolam a região. Pouco a pouco, o artista foi se aproximando da comunidade e compreendendo as dinâmicas que permeiam seu funcionamento.

Finalmente, em parceria com Elaine Lima, líder da comunidade de Barro Branco, Silveira definiu que este seria o local ideal para apresentar a obra. O projeto foi desenvolvido em duas etapas: a primeira consistiu na montagem da obra com a participação da equipe da residência e dos moradores; e a segunda em um encontro que reuniu o artista, alguns membros da liderança da comunidade e autoridades políticas e econômicas de Belo Jardim com o fim de discutir a questão da falta d'água não apenas no município, mas como um problema mundial.

RELATÓRIO DO EDUCATIVO *Parte 6*



Esta obra foi instalada na comunidade Quilombola Barro Branco, que fica próxima ao município de São Bento, no dia 3 de maio. Por ironia do destino, o dia estava excepcionalmente chuvoso. Saímos do ateliê com todo o material por volta das nove da manhã.



O processo de montagem contou com a participação de alguns moradores do lugar, já que, devido ao desnível do solo, foi bem complicado deixar o circo de pé. O vento forte fez com que tivéssemos que amarrar a estrutura em árvores, pois os tecidos esvoaçantes colocavam em risco o equilíbrio da estrutura. Após concluirmos a montagem, Marcelo e Cristiana Tejo se reuniram com os artesãos do Barro Branco e debateram sobre diversos assuntos, entre eles o trabalho que desenvolvem com o barro. Enquanto isso, o educativo realizou atividades com as crianças em volta e dentro do circo.

Aprendemos uma cantiga de roda que faz parte do cotidiano deles e cujo título é *Dona Concha*. Esse momento foi muito tocante para nós, tanto pela acolhida quanto pela magia de estarmos dentro de um circo sem lona, interagindo, brincando e aprendendo com aquelas crianças.

No dia seguinte, uma surpresa: *Deusqueira não chovia* estava por água abaixo; tinha sido derrubada pela chuva da noite anterior. Nesse mesmo dia na comunidade, Marcelo e alguns representantes políticos da cidade se reuniram com alguns moradores para discutir os



Chegada ao Barro Branco, para montagem coletiva de Deusqueiraquênãochova, em conversa com os moradores e atividades educativas com as crianças.

problemas que afetam a região e procurar soluções para os mesmos.

O educativo tentava conter a euforia das crianças que corriam sobre a estrutura caída do circo. Quando conseguimos, iniciamos uma contação de histórias: começamos uma história e propusemos que eles continuassem. O grupo era pequeno, com aproximadamente quinze crianças, e tudo fluiu positivamente.

Depois convidamos o colega Adones Valença, artista plástico de Belo Jardim, para apresentar sua

performance para a criança. Embaixo de uma árvore e em cima dos tecidos da obra, as crianças se deleitaram de curiosidade ao verem ser aberta *Amala* do artista. Depois do lanche, pedimos para elas desenharem o que estavam sentindo e muitas retrataram o que estava acontecendo ali. O encontro estendeu-se até o início da noite e terminou com bolo e café à beira da fogueira.









4 de maio à tarde
COMUNIDADE QUILMBOLA DO BARRO BRANCO

RESIDÊNCIA BELOJARDIM
MARCELO SILVEIRA

Encontro 6
tema:

DEUSQUEIRAQUENÃOCHOVA

Uma estrutura de madeira vestida por um tecido de linho reúne espetáculos: o circo sem teto, pleno de simplicidade, esperança e quimeras; a seca, suas intempéries e profundos desafios para quem vive a escassez da água, de sol a sol; a atuação de representantes do poder, que por meio do discurso mudo perpetuam o espetáculo do estio.

MENU

— Bolo e café

Ateliê Aberto
Horário de visitação
Segunda a sexta,
das 14h às 18h
20/3–19/5/2017

residenciabelojardim.tk
fb.com/residenciabelojardim
@residenciabelojardim



Estiveram no encontro aberto a comunidade do Barro Branco e autoridades locais (o encontro teve cerca de 30 pessoas), entre elas:

Adones Valença
Brenda Braga
Cícera
Elaine Lima
Elizabeth Gomes
Fabiana
e muitas crianças!

com a equipe
Anailza Silva
André Vieira
Bernardo Teshima
Cristiana Tejo
Hugo Coutinho
Marcelo Silveira
Martha Ferreira
Monica Silveira
Pedro Andrade
Pierre Tenório
Vanessa Melo

PÁGINA 109 Convite para o sexto encontro proposto pela Residência Belo Jardim. Texto de Cristina Huggins.



*Conversa entre lideranças
da comunidade quilombola
e autoridades de Belo Jardim.*

Nossa conversa aconteceu em 11 de maio de 2017, dia em que houve uma reviravolta no poder em Belo Jardim. A decisão do Tribunal Superior Eleitoral de cassar o mandato do prefeito João Mendonça (PTB) e convocar novas eleições havia acabado de ser anunciada e a cidade estava num grande rebuliço. Exatamente uma semana antes, Marcelo Silveira tinha promovido uma roda de conversa na Comunidade do Barro Branco com autoridades locais para discutir a questão dramática da água na cidade, a partir da obra *Deusqueiraquenãochova*, instalada em frente à casa da associação.

Aquela também era a data que marcava um mês de morte de Nena Marinho, líder dessa comunidade, que faleceu aos 43 anos em decorrência de um câncer. Entre seu tratamento e o óbito, tudo ocorreu muito rápido e Elaine Lima, 30 anos, sua companheira de luta, assumiu organicamente a liderança mesmo em pleno processo de luto. Ela se autointitula mulher negra, na luta pelo feminismo e pelo direito à terra de seus ancestrais. A entrevista foi gravada em vídeo e o microfone foi colocado escondido em sua blusa. As primeiras perguntas foram respondidas compassadas com as batidas de seu coração, uma perfeita metáfora das lutas e da trajetória desta líder que está reconfigurando a estratégia de embate de seu povo, em especial, instaurando um processo de nova escuta e de uma nova fala intergeracional.

Cristiana — *Você é uma mulher de várias lutas. Qual delas foi a primeira?*

Elaine — Quando minha filha menor começou a dizer que ela era linda, independente. Aí comecei a me reconhecer como mulher negra no processo. Em paralelo a isso, aconteceu a luta do povo negro, da própria comunidade, da minha



Elaine Lima no Sítio Barro Branco.

base. Quando a gente começou o processo de organização, surgiu a curiosidade da história desse povo que foi negada. Foi a partir daí, da minha história, do meu povo. De tia Mica, de seu Antonio, que é um benzedor ainda na comunidade, da valorização de algumas parteiras que hoje a gente não tem, mas há a presença de algumas pessoas que têm tendência e que participam de alguns partos que teve na comunidade, depois do falecimento (das parteiras). Então foi a partir de casa mesmo.

É uma luta que parece que surge a partir de outras mulheres.

Sim, de outras mulheres. A minha companheira de luta, Nena Marinho, contribuiu demais para este processo

de autorreconhecimento. Fizemos isso juntas. E daí veio esta ideia de ver outras mulheres negras, guerreiras, que se assumiam. Isso tudo fez parte da construção da luta.

Sabe-se que a nossa sociedade é estruturalmente machista. Como foi para a comunidade acolher esta liderança predominantemente feminina? Houve algum atrito ou foi algo tranquilo?

Houve, sim, porque na comunidade havia antes uma associação de pequenos agricultores que era liderada apenas por homens. E hoje temos a maior parte da diretoria formada por mulheres. Na visão deles, surge esta menina da comunidade que veio do nada para querer mandar nesta cambada de

homens... Foi um desafio. Mas eu vim com tanta leveza e direcionada para a luta que meu reconhecimento foi se dando no processo. Para mim, de certa forma, foi leve e pesado ao mesmo tempo, porque foi complicado estar ali à frente lidando com situações e propondo ações para aqueles homens que estavam acostumados a pensar que mulher não se envolvia em nada, só na cozinha e na casa, organizando tudo para apenas eles aparecerem. Houve intrigas, conversas e discussões. Porém, isso vinha acompanhado de uma espécie de respeito pela minha pessoa. A reação era à minha posição de se colocar. Eu me mantive firme em relação a isso e com esta firmeza as outras mulheres se espelharam. Tanto é que hoje em dia a diretoria é composta em sua maioria por mulheres e elas passaram a fazer parte de um grupo que resgata o uso do barro e começaram a estudar na escola. Elas hoje discutem política, falam sobre sua própria renda em casa. Está valendo muito a pena.

Esta transformação ocorreu com Nena Marinho, que tinha 43 anos, e contigo, que tem 30. Como se deu o diálogo com as gerações mais velhas de mulheres da comunidade, que tinham grande sabedoria, mas talvez tivessem uma forma diferente de se colocar diante dessas questões?

Olha, eu lamento o fato de terem me tirado a oportunidade de ter ficado mais tempo com as mais velhas, que já se foram. Mas agradeço a quem está hoje. Há um processo de valorização dessas pessoas. Busco cada vez mais estar próxima delas

para aprender e ter mais força para a luta, além de repassar para minhas filhas e as crianças da comunidade. Eu sempre digo que minha luta é por todos, mas meu foco principal são as crianças e os mais velhos daqui. Então temos valorizado e respeitado os limites deles, pois notamos que muitas pessoas estavam passando despercebidas e nos deixando. No processo, passei a me perguntar que mundo é este em que estou. Se eu sou uma referência, preciso de algo forte, construído de baixo para cima, a partir das crianças e dos velhos. Às vezes me sinto agoniada diante de uma fala que vem diferente do que temos hoje, mas aí compreendo de onde vem esta fala e como ela pode me ajudar no dia a dia.

A ênfase dada pelos governos petistas a políticas afirmativas e de apoio aos movimentos sociais influenciou a luta de vocês de alguma forma?

Sim, com certeza. Hoje eu faço parte da coordenação estadual dos quilombos de Pernambuco, tivemos companheiros que conseguiram ocupar espaço de luta. E a gente volta à base para refletir que este momento que estamos vivendo é de pensar que, quando tivemos a oportunidade, nos sentamos e estacionamos. Ocupamos espaços, colocamos companheiros de luta nesses lugares, mas não usufruímos como deveríamos, nos acomodamos. Então este é um momento de reflexão sobre as lutas, o que foi alcançado, aqueles que lutaram antes de nós. Precisamos acordar para muita coisa. Eu acho que este golpe que vivemos nacional e

localmente, porque temos vários exemplos no município com associações, nos lembra que não podemos parar. Temos que continuar na luta e valorizar o que já conseguimos.

Diante desta mudança de cenário, pós-golpe, quais são os instrumentos e métodos que vocês estão usando para se reposicionarem?

Eu acho que a gente está focando mais. Houve uma época em que o movimento quilombola ficou disperso. Então passamos a pegar pontos específicos de nossa luta que foram pautados e que não foram efetivados para servirem de partida ao mesmo tempo em que estamos recuando para reavaliar nossas estratégias. Um deles é a questão territorial das comunidades quilombolas, porque entendemos que nosso povo sem terra não tem nada e temos sido encurralados cada vez mais. A exemplo da nossa própria comunidade, que por falta de trabalho e de registro das terras muda para as periferias das cidades e é humilhada. Isso porque políticos da cidade tomaram as terras que um dia foram nossas. Então estamos recuando para avançar. O ano passado foi o ano em que mais tivemos companheiros de comunidades quilombolas eleitos vereadores. Apesar do avanço, notamos que esses companheiros estão sendo atacados. Por isso achamos que temos que ir para as ruas e começar a denunciar. Temos que falar mesmo e colocar nas mídias o que é escondido de fato. Então é isso, temos que continuar na luta porque

eles não querem saber, passam o rodo mesmo.

À mulher geralmente é deixada a questão do cuidar. Cuidar dos outros. Como é para você o autocuidado? Como você se cuida?

Nós, mulheres da comunidade, temos sentado para conversar e nos provocar sobre nossos anseios, nossas necessidades, que são de extrema importância, e sobre o cuidado, que não é apenas no âmbito individual, mas no todo. Como coletivo estadual, estamos nos reunindo para fortalecer as mulheres no sentido do cuidado e do autorreconhecimento. E isso é repassado para os filhos e netos, junto com as mulheres mais velhas da comunidade. É desta forma que estamos buscando nos cuidar. Unidas, nos blindamos de muitas coisas: do governo, do machismo...

Você voltou a estudar depois de muito tempo. Isso também é uma forma de se cuidar.

Sim, exatamente. Como comentei anteriormente, algumas mulheres passaram a ir para a escola e a estudar. Esses dias, estávamos conversando sobre a importância de ocupar espaços que, na verdade, são nossos. Não é uma questão de excluir os homens, mas sim de mulheres que estavam em casa, cuidando de todos e que nem sabiam se cuidar, ocupar espaços. Eu fui mãe muito cedo. Com 17 anos, tive Rafaela e saí da escola. Achei que aquele mundo não era meu, não me pertencia. Depois de treze anos, voltei para a sala de aula. Uma das minhas maiores inspirações foram

minhas filhas e minha luta, porque eu achava que meu povo precisava que eu estudasse. A partir disso, pude carregar outras mulheres para também voltarem à sala de aula.

Hoje é um dia muito forte. Houve uma virada política com a anulação do primeiro lugar das eleições para prefeito. Você teria algo para falar sobre isso?

Eu acho que, em Belo Jardim, estamos vivendo um momento de muita opressão, opressor-oprimido, e acho que é também um momento de muita reflexão, principalmente para meu povo, que é particularmente atingido por este governo municipal. Então é hora de parar e repensar algumas coisas, ir para a luta e não deixar que tomem o que é nosso, avançando no que é por direito.

A impressão que tenho é de que a luta de vocês vai perpassar vários governos e que não é apenas uma luta local, mas alinha-se a uma luta mais ampla. Na semana passada, estávamos numa roda de conversa na sua comunidade com representantes do governo e hoje eles já não estão no poder. Mas vocês continuam.

Com certeza. E a gente tem tranquilidade em relação a isso. Pode entrar o governo que for que a gente estará lá pautando nossas lutas e nossos anseios. Como eu falei lá, pode entrar quem for que a gente vai se colocar. Se eles respeitarem e estiverem conosco na luta, vamos conversar. Se não for possível o diálogo, a gente tem o plano A e o plano B. A gente sempre estará na luta. Não é governo que vai fazer a

gente recuar não. Pelo contrário, a gente vai unir forças porque não vamos parar por aqui. Na verdade, o governo não nos limita porque somos um povo independente. Se estivermos dentro fazendo alguma contribuição, massa, estaremos juntos. Mas, se não for possível, estaremos na luta do mesmo jeito. Então, para a gente, não há diferença.



*Casa da Associação
Comunitária de
Remanescentes de
Quilombolas do Sítio
Barro Branco.*



A Beleza da Rosa.

Catarina Duncan **OS RIOS SABEM DA GENTE**

*O tempo sabe das coisas,
Agente não sabe das coisas,
Os rios sabem da gente.*

*O tempo já sabia que um dia
Agente secaria o rio.
O que a gente não sabe é que
O rio já sabe do fim da gente.*

Estive por quatro dias na Residência Belojardim, no agreste pernambucano, em abril de 2017. Despida de funções claras, meu corpo havia me levado até ali, sem grandes explicações. Embarquei nesse exercício de deixar o corpo conduzir os movimentos e fui levada até a barragem do rio Bitury, um dos três grandes rios que vêm secando nos últimos anos naquela região. Rios inteiros se fazem desertos, o agreste em devir sertão, uma terra sem água, um corpo sem sangue. Uma paisagem árida se misturava com uma nostalgia dos mergulhos que eu não pude dar. Aquela memória escapava pelas mãos de quem a tinha. Os rios secam, a gente seca.

Era preciso escutar as entranhas daquele nordeste se revirando, era preciso parar, mover menos, produzir menos, frear. A terra é dona do tempo, já fomos vencidos e ainda assim não nos entregamos, insistimos em acreditar que podemos vencer, que podemos ganhar,

Maria Catarina Duncan é formada em Culturas Visuais e História da Arte pela Goldsmiths College, Universidade de Londres (2010 – 2014). Atualmente trabalha como assistente de coordenação do programa COINCIDÊNCIA - intercâmbios culturais Suíça – América do Sul, da fundação suíça para cultura Pro Helvetia. Foi visitante convidada a conhecer a experiência da primeira Residência Belojardim. Vive e trabalha em São Paulo.

ser mais rápidos; velocidade. Enquanto isso, a gente vislumbra o espetáculo da seca, o horror de um progresso vazio. Tudo já aconteceu.

Resta uma constante tentativa de transformar palavras de ordem em diálogo, de tomar consciência e despertar a memória para a potência da terra. Resta a gente se perdoar por sermos fracos, por sermos demasiadamente humanos. Resta abrir os olhos, estar atentos mesmo que atados.

Durante o período de residência, o artista Marcelo Silveira inaugurou um projeto de escuta da cidade de Belo Jardim. Em tempos de escassez de água, o sentido das coisas parece estar evaporando, mas juntos talvez possamos construir alguma coisa. As instalações de Silveira nos conduziram para um novo horizonte, germinando perguntas nas ruas, nas escolas, universidades, praças e lojas. Não seria possível transformar o tempo, não seria possível fazer justiça nem trazer a matéria-prima essencial daquela terra, mas seria possível permitir a possibilidade de reflexão.

Na tarde de uma sexta-feira, Marcelo nos levou até a comunidade quilombola de Barro Branco, onde todos sentamos em torno de uma senhora chamada A Beleza da Rosa. Essa entidade, que era uma pedra, uma mulher e uma árvore, nos dizia que as coisas estavam mudando por ali, mas que o tempo ainda era o mesmo: o que mudava eram as pessoas e as coisas. Há centenas de anos as coisas estavam mudando, suas crenças tinham de ser mudadas, seus costumes tinham de ser mudados, seus desejos tinham de ser mudos. Quem observa chega a conclusões. Emudeço-me.

A gente se encanta, se entristece, se entrega, luta, dá as mãos, pulsa, mas logo em seguida teremos de ir, teremos de mudar. Logo em seguida arrumamos as malas, nos despedimos, nos deslocamos. Deixando rastros míseros, mínimos. Ainda assim, somos responsáveis por estar onde estamos, fomos implicados, intimados a passar por onde passamos, não se deve esquecer. Eu não fiquei e por isso não presenciei a chuva que desceu dos céus dias após as nossas despedidas. O rio voltou, subiu e a cidade voltaria a ter água, mas nesse retorno casas desabaram, corpos se tornaram correnteza. Com mais água ou menos água, é preciso frear e rever as estruturas em que nos apoiamos. Quem fica é quem luta existindo, quem fica é a terra, e a terra sabe do tempo, do rio e da gente.

Essa força nunca seca.

Acredito já ter vivido antes.

Pego o silêncio e o coloco no meu colo.



*Dia de visita à casa e ao ateliê
de Cida Lima, no Sítio Rodrigues.
Devido ao tempo curto, não
podemos ficar pra almoçar o
xerém com galinha de Cida.*



André Vieira **CIDA LIMA**

Belo Jardim, 27 de abril de 2017

Cida Lima,

Foi um prazer recebê-la à nossa mesa no último dia 6 de abril aqui no ateliê. Como vai seu filho Jailson? Desde aquela quinta-feira, sigo em contato com ele, pois sugeri que um vídeo sobre o seu trabalho com barro fosse feito para o canal dele no YouTube, e estou muito empolgado com esta possibilidade de realização.

Foi ótima também a carona que deste para que Cícera e Fabiana, jovens artesãs do Sítio Barro Branco, pudessem estar no jantar conosco. Elas estavam muito curiosas para aprender sobre as técnicas desenvolvidas ao longo de seus quarenta anos de trabalho, e penso que mais aulas informais como aquela podem acontecer. À parte o barro, saber, por exemplo, que o coentro cultivado com adubo não tem cheiro foi uma surpresa para mim; o negócio é plantar na terra mesmo. Os pequenos aprendizados.

Mas venho conversar contigo sobre jabutis e guardanapos.

Essa história eu não tive oportunidade de lhe contar pessoalmente, mas, desde que teve início a Residência Belojardim, o guardanapo vem sendo, de forma muito misteriosa, um item ausente a cada refeição, não notaste isso? Nos primeiros dias da nossa chegada, “guardanapo” foi palavra muito comentada por nós, justamente porque, a cada vez que precisávamos dele, lembrávamos que ainda não o tínhamos comprado, ou simplesmente esquecíamos de colocá-lo à mesa.

Esta ausência continua se repetindo tão marcadamente que me senti convocado a escrever sobre ela.

Fiquei pensando muito nas alternativas para lidar com isso. O que podemos fazer sem guardanapos à mesa? Vou tentar enumerar estas possibilidades aqui:

- I no caso de mela-mela, que é quase sempre certo, pode-se usar as pontas dos dedos, a toalha da mesa, o avesso das mãos ou a língua para limpar as sobras;
- II pode-se também levar a comida à boca com extremo cuidado, o que é uma tarefa mais difícil quando se está faminto;

III há quem prefira, assim, não comer;

IV e há quem aprenda a se lambuzar.

Eu gosto muito dessa última opção. Marcelo, por exemplo, todo dia lambuzava sua roupa com a comida que cai da colher e eu acho isso um dado engraçado, visto que é recorrente.

Percebi aqui que viver sem guardanapo é até preferível. Não temos água suficiente para lavar os de pano e nem é muito sábio usar os de papel, pois geram muito lixo. Também interrompem o discurso na mesa, encobrendo o sorriso sujo. Tornam tudo um tanto mais formal. A boca lambuzada permite mais proximidade, cria graça e descontra a mesa.

Falando em mesa, é interessante perceber como teu trabalho, Cida, ganhou uma importância imensa dentro do projeto, e é aqui que falo do jabuti. Afinal, é nesta tua peça de barro que estamos nos alimentando.

Meses antes de começar a residência, Marcelo fez uma visita ao centro de artesanato Tareco e Mariola em busca de uma cuia para substituir os pratos na nossa mesa. Ao encontrar sua tartaruga de barro, Marcelo a virou pelo avesso, achando ali a cuia, gesto que mudaria a cara de um projeto inteiro. O que você chama tartaruga, eu chamei jabuti (só porque nunca vi uma tartaruga aqui no agreste) e Marcelo concluiu: é jabuticua! E finalmente Priscila, nossa designer gráfica, numa boa surpresa para nós, transformou seu jabuti na identidade visual da Residência Belojardim, que agora está estampada em todo lugar.

À mesa, a jabuticua, por exemplo, pode ser aproximada do peito com uma das mãos ou apoiada no colo. No seu oco côncavo, não usamos faca nem garfo, só colher e um espeto. A cuia também é pequena justamente para proporcionar as repetições, o levantar-se à mesa é constante e até desejável.

O jabuti, Cida, é um animal sem pressa, assim como têm sido as conversas por aqui. Li também em algum lugar que jabutis podem virar o casco em situações mais difíceis para contornar algum obstáculo. Não é bonito isso? Viramos o casco da jabuticua todos os dias para nos alimentar. Pergunto-me, por fim, se um jabuti com o casco virado pode atravessar um rio boiando. É uma questão que ainda não consegui resolver. Caso você tenha conhecimento disso, ficarei muito agradecido se puder me escrever uma resposta.

Espero em breve poder te visitar aí no Sítio Rodrigues, para tomarmos um café e conversar sobre tudo isso, quem sabe.

Um forte abraço,
André

*Cristiana Tejo
e Kiki Mazzucchelli*

7 CAMALEÃO II

2017

Círculos de papel impresso, linha,
compensado e projeção.

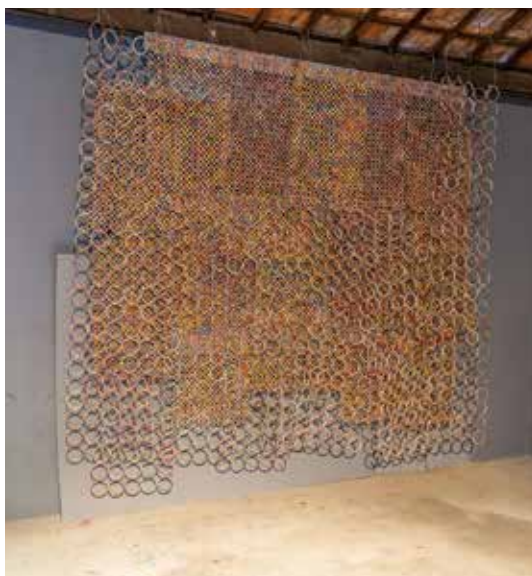
Trabalho instalado na Fábrica Mariola.

Camaleão II foi a última obra apresentada durante a Residência Belojardim. A instalação consiste de uma espécie de grande tela produzida manualmente a partir de uma técnica de corte e dobradura de páginas e revistas desenvolvida pela artesã local Teté e com a participação dos membros da equipe do projeto na laboriosa confecção dos pequenos círculos que formam sua superfície. Essa tela, composta por várias camadas sobrepostas, é estruturada pela fixação desses pequenos círculos de papel vazados por meio de linhas coloridas. O resultado dessa operação é o surgimento de planos multicoloridos, que uma vez sobrepostos transformam as informações impressas nas

páginas das revistas em pontos de cor. Instalado num ambiente fechado e escuro dentro da Fábrica Mariola, este anteparo recebe a projeção de uma sequência de cores sobre a sua superfície, transformando continuamente o plano cromático original. Quando uma cor projetada equivale àquela da superfície da tela, temos a impressão de enxergar vazios; quando encontra uma cor diferente, produz uma terceira tonalidade.

O camaleão é o animal que encapsula ideias de transformação e adaptação a diferentes ambientes, servindo como ponto de partida para os diálogos abertos por Fabiana Moraes e Moacir dos Anjos, convidados especiais que participaram do encerramento do projeto.

Camaleão no atêlie da fábrica, onde se criou uma sala especial para projeção da obra.



Além disso, a combinação de uma técnica artesanal, que inevitavelmente nos remete ao rico legado histórico da arte popular na região agreste de Pernambuco, com a tecnologia da projeção digital, sugere a imagem de um nordeste em movimento que escapa aos clichês impostos por uma visão dominante que associa a região a um regionalismo endêmico e ao conservadorismo cultural, econômico e social. Provavelmente sem essa intenção, o trabalho nos faz lembrar, ainda, o papel central que o cinema pernambucano cumpre hoje no circuito nacional.

RELATÓRIO DO EDUCATIVO *Parte 7*

O processo desta obra transitou indiretamente por todas as outras, já que, nos momentos em que não estávamos em contato com o público, ficávamos a costurar argolas feitas a partir de folhas de revistas — confeccionadas por Teté, uma artesã da cidade —, formando blocos coloridos que foram utilizados na composição da obra. Houve envolvimento de alguns visitantes, que acabaram por costurar e conversar um pouco.

A obra foi instalada numa sala adaptada aos fundos da antiga

fábrica, onde funcionou o ateliê. A montagem consistiu em deixar a sala completamente escura e contou com a participação de todo o educativo e o auxílio de Bárbara, assistente de ateliê que esteve presente na montagem das demais obras. Ao fim, foram projetadas luzes coloridas nos blocos de argola dispostos como uma espécie de tela. A obra ficou totalmente pronta na última semana da residência.

A interação dos alunos com a obra se deu a partir do contato deles ao mesmo tempo com o escuro e o



Equipe e convidados trabalhando na feitura de Camaleão.



claro. Brincamos com as sombras, experimentamos a contemplação do silêncio ao observar a alternância das cores, respondemos perguntas e, por fim, cada um levou para si uma impressão diferente. Uma fala recorrente foi: “Isso não parece nada com um camaleão!” Mas, no geral, percebemos o quanto a obra gerou um tom de admiração e desejo de ser fotografado diante dela.

11 de maio, das 18h às 20h30

FÁBRICA MARIOLA

RESIDÊNCIA BELOJARDIM
MARCELO SILVEIRA



Encontro 7,
convidados especiais:

Fabiana Moraes
e Moacir dos Anjos;
tema:

CAMALEÃO

Camaleão II – Um painel construído por círculos de papel em policromia e unidos entre si por linhas coloridas evoca a 'pintura' quando uma projeção de luzes incide sobre ele. A estabilidade dessa 'pintura' é rompida quando a cor de uma luz projeta-se sobre sua cor semelhante, criando um vazio, ou quando projeta-se sobre uma cor diferente, transformando-se em outra cor. O trabalho permite refletir sobre a ilusão que se tem sobre coisas e seres e a (im)permanência deles.

MENU

- Caldo de inhame – Salada de cenoura
- Moela – Cuscuz com banana
- Abacaxi com raspas de limão

Ateliê Aberto

Horário de visitação
Segunda a sexta,
das 14h às 18h
20/3–19/5/2017

residenciabelojardim.tk
fb.com/residenciabelojardim
@residenciabelojardim

Estiveram à mesa
Adilza Silva
David Henrique
Fabiana Moraes
Júnior
Moacir dos Anjos
Pe. Geraldo Magela
Verônica Ramos
Wildson Gomes

com a equipe
Aline Silva
Anailza Silva
André Vieira
Cristiana Tejo
Hugo Coutinho
João Lucas
Marcelo Silveira
Marisa Mello
Martha Ferreira
Monica Silveira
Pierre Tenório
Vanessa Melo
Wellington Silva

PÁGINA 131 *Convite para o sétimo e último encontro proposto pela Residência Belo Jardim. Texto de Cristina Huggins.*

AO LADO
Encerramento da residência com show de Pierre Tenório. Nesta mesma noite, parte da equipe apresentou a coreografia exaustivamente ensaiada para a música Careless Whisper, de George Michael.



Cristina Huggins **QUEM É VOCÊ, CAMALEÃO?**

O título das obras impressiona sempre. Como pôr em um nome ou frase mínima tanto conteúdo? Na arte, sobretudo, os nomes ganham significado extra, pois investidos de novos sentidos e estados.

Isso fica evidente no *Camaleão* de Marcelo Silveira. Nesse trabalho o camaleão não é um iguanídeo, mas um painel sobre o qual projeções luminosas evocam a “pintura”. Ressonâncias de outros camaleões assumem outros sentidos, podem indicar dissimulação, engano, ilusão, disfarce.

Surpresa e transformação dominam a cena em *Música para Camaleões*: “Três camaleões verdes perseguem uns aos outros pelo terraço; um deles faz uma pausa aos pés de Madame, exibindo a língua bífida, e ela comenta: ‘Camaleões. Criaturas excepcionais. A maneira como mudam de cor. Vermelho. Amarelo. Verde-limão. Cor-de-rosa. Lilás-claro. E sabia que adoram música?’” Diferentemente de como reagiriam muitos, frente a esses lagartos, aparentemente nada atrativos, Madame, uma aristocrata da Martinica, personagem de Truman Capote, salta a couraça marrom acinzentada dos camaleões e põe sua atenção no aspecto pictórico que exibem. Vê beleza para além do primeiro plano. Observar um camaleão por essa perspectiva exige lembrar que réptil é apenas uma das várias possibilidades do bicho.

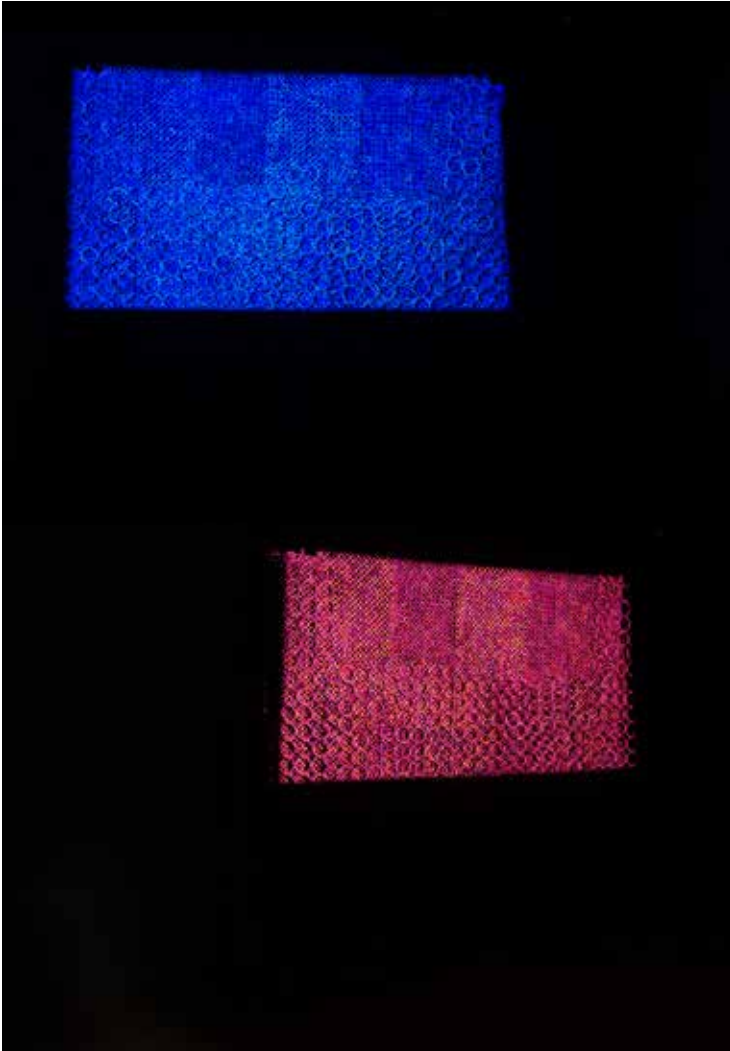
Reeducar o olhar, aprender a enxergar o exótico como exótico e não como ameaça, é estar disponível para compreender as alternativas do camaleão. Senão assim, como entender as transgressões de Marc Bolan, vocalista do T. Rex, que nos anos 70 causava frenesi com boca e olhos pintados, vestuário ajustado e brilhante? Responder à incitação de Ney Matogrosso, seus adereços, requêmbros e voz em falsete, em plena ditadura? Impensável! E o que dizer, então, a respeito da multiplicidade de competências de David Bowie, camaleão por excelência, do desenho à pintura, da poesia à música, do canto à performance? Sem apreciação liberta, a experiência seria pobre, tendenciosa, permeada por preconceitos.

Longe dos palcos, e de olhos postos na sétima arte, encontramos o homem-camaleão, batizado por Woody Allen como Leonard Zelig e conhecido pelos amantes do pseudodocumentário apenas por Zelig (1983). Homem sereno, discreto, que passaria despercebido se não tivesse a estranha capacidade de absorver a aparência das pessoas que o cercavam. No filme, o fenômeno que a princípio era gerado por insegurança passa a outra categoria, a de culto, quando Zelig é alavancado à condição de celebridade.

Nos tempos em que vivemos, nos quais as máscaras ornaram as faces e os discursos mudam segundo as conveniências, camaleões dissimulados circulam tranquilamente, em ambientes vários, e surgem como presenças escorregadias, das quais pouco se sabe. Há neles habilidades que provocam ilusão e, por vezes, confundem a mente. Esse dom de mimetizar-se, que lhes é peculiar, engana, faz chamar de amigo, interesseiros de passagem, dedicados efêmeros, oportunistas de sempre. Envergonham a memória de uma época em que sentar-se à mesa, frente a frente, caçando conversas sinceras, era o estado natural do convívio. Deram lugar a discursos frágeis, olhares desviados, inconsistências.

Quem está à sua direita, à sua esquerda, em frente a você? Olhe bem nesses olhos e, antes de abrir o peito, silenciosamente, pergunte: “— Camaleão, quem é você?”

*AO LADO Camaleão, projeção
de cores sobre a estrutura de
anéis de papel.*



Há alguns meses, dois mestres do maracatu rural Cambinda Brasileira conversaram com alunos e alunas presentes em uma disciplina que ministrou no campus da Universidade Federal de Pernambuco em Caruaru, o Centro Acadêmico do Agreste (CAA/UFPE). Percebia-se claramente o orgulho de ambos, Anderson e Carlos, ao falar sobre os caboclos, as baianas e os músicos presentes nas quase duas centenas de componentes do grupo, criado há cem anos na área rural de Nazaré da Mata. Mestre Anderson é muito jovem, caminha pelos 20 anos. É poeta. Cresceu ao lado de Zé do Carro, nome fundamental no Cambinda, morto há dois anos depois de dedicar boa parte da vida ao ofício de caboclo de lança. Há alguns meses, Anderson, pupilo de Zé, tomou a decisão de reunir os mestres dos maracatus da Zona da Mata, que tinham pouco contato com os outros. Distância entre cidades e mobilidade restringida. Dinheiro. Essas coisas que historicamente faltam no Nordeste brasileiro e que, se depender de boa parte da nossa classe política, devem continuar a faltar. Trata-se, afinal, de uma manutenção.

Pois bem. Anderson resolveu criar um grupo no WhatsApp colocando no mesmo espaço dezenas de mestres do maracatu rural da Zona da Mata. Com isso, eles passaram a se comunicar diariamente, vencendo as distâncias entre as cidades e o transporte público precário. A fala e a troca estavam garantidas, graças a um aplicativo comprado por 22 bilhões de dólares pelo Facebook. O Facebook, esse outro terreiro no qual Anderson, dono de uma conta ali, diariamente performa.

O mestre gosta de sofrência, um ritmo-estado de espírito que sempre esteve presente na música popular brasileira, mas que nos

Fabiana Moraes é jornalista, professora da Universidade Federal de Pernambuco, Núcleo de Design e Comunicação, e doutora em Sociologia pela mesma instituição. Suas pesquisas acadêmicas e reportagens voltam-se para a questão da hierarquização social com foco na (in)visibilidade de grupos vulneráveis (gays e travestis, negros, mulheres). Na Residência Belojardim, também foi convidada a conversar a partir da obra *Camelão* e acabou produzindo este texto. Vive e trabalha entre Recife e Caruaru.

últimos anos adquiriu outro significado: além do título genial, tornou-se porta-bandeira daqueles que queriam falar do amor, e não apenas balançar a bundinha. Às vezes, o mestre insere coisa ou outra mais popular nas rimas de quatro, seis ou oito linhas que leva para as sambadas ou apresentações do Cambinda. Só às vezes, porque os mais puristas já o chamaram à atenção.

Anderson, que muitos chamam de Neymar, ídolo pop, é esse mestre mesclado do maracatu mais antigo de Pernambuco. Cresceu e cresce entre todos os códigos do brinquedo — não ter relações sexuais antes de ir para as ruas com o grupo, levar um cravo na boca para que todo mal que for encontrado no caminho ali seja capturado, pedir a benção aos orixás antes de brincar e sair de costas de dentro de casa — e não segue nenhum deles. Mas acredita.

Anderson é um camaleão.

Ele transita e ultrapassa a falsa dicotomia do tradicional e moderno lançada ao NE, principalmente em suas regiões interiorizadas. Ambas as pontas estão em sua vida, assim como na vida de toda uma população, a nordestina, fortemente representada dentro de figuras fixas no imaginário brasileiro. São representações que ora aprisionam, ora são usadas para o voo, como sente e como vive Anderson. O uso da maravilhosa imagem do maracatu rural pelo equipamento governamental é um exemplo. Na negociação por maior visibilidade, criam-se novas tradições — a palavra seria aspeada, não fosse este texto sobre camaleões. Explico: Prefeitura do Recife e Estado instituíram um concurso que analisa roupas, evoluções e personagens do maracatu. Algo completamente estranho aos grupos, que não levam a competição a esses marcadores. Mas, por necessidade, eles são absorvidos. São as condições para se alcançar um primeiro ou um bom lugar, outra questão nova na natureza dos maracatus. Quase sempre, ser camaleônico é tentativa de sobrevivência.

Todo camaleão negocia. E, nessa ação, toca, transforma e se transforma.

Vou voltar para a sala de aula na qual Anderson estava. Uma sala de aula alugada dentro de um polo comercial repleto de lojas vazias, McDonald's, uma tela curva de cinema de última geração e promessas de felicidade.

Neste dia, nessa aula na qual Anderson falou e cantou, um aluno que cresceu ouvindo música pop, idade próxima à do mestre, estava presente. Ele o ouviu atentamente, às vezes demonstrando incômodo, principalmente quando eram trazidas à tona questões que mostravam como nós nordestinos olhamos para nós mesmos. Por exemplo, quando Anderson, esse Neymar, falou que “lá fora”, em São Paulo (“lá fora”, promessa de felicidade), o público que ouvia o

maracatu era mais “selecionado”. Que lá fora era universitário, era juiz, era empresário que olhava o maracatu. Esses eram os Selecionados.

O olhar e o corpo de Ayrton, agreste-pop, logo entregaram: como assim? Mas e as pessoas de sua própria cidade? Mas e a ligação de vocês com a Zona da Mata? O que Ayrton, se transformando, tentava dizer para Anderson, Neymar, Poeta, é que ele não estava olhando para si mesmo. O mestre tentou se explicar: “É que lá eu não posso dizer tudo. Levei uma vaia quando cantei no verso que, quando o homem vai pra rua, a mulher vai lavar prato. Aprendi, lá não faço mais.” “Mas, se você disser isso aqui, vai levar vaia também”, replicou o rapaz agreste-pop.

Estávamos todos em uma sala refrigerada em meio ao calor pernambucano, McDonald’s e lojas vazias, quando Ayrton viu em Anderson seu espelho vivo, mas seu espelho reverso. Perto do fim da aula/apresentação, o mestre cantou. Em uma das rimas, ele pedia para a plateia pôr respeito. A gays, a pretos. Talvez por acreditar de fato naquilo. Talvez para tentar ganhar a turma de volta. Provavelmente, as duas coisas.

Dez e meia da noite do mesmo dia, as fotos do encontro circulando nas redes sociais da turma, de Anderson, do curso. Mensagens de agradecimento dos mestres pelo WhatsApp. Mensagens de festa da turma. O barulho de uma notificação chega no meu computador, uma mensagem vinda através da empresa que comprou o WhatsApp por 22 bilhões de dólares.

Era Ayrton.

“Mulher, eu tava aqui bem reflexivo sobre a vida e sobre algumas decisões erradas que tomei e que me aprisionaram em ambientes aos quais eu não pertencio. Eu nunca tive simpatia por maracatu, nem culturas regionais. Sempre fui mais apegado ao mundo britney & cia. Mas hoje minha perspectiva mudou bastante. Brigado, visse? É muito bom se sentir pertencente a um lugar.”

Ayrton é um camaleão.

Foi nesse pequeno texto-revolução que percebi. No tal espelho reverso, Anderson, que levava algo maravilhoso e estranho para Ayrton, ocupava um lugar que ele nunca havia pensado sequer em olhar. No tal espelho reverso, Anderson, ao classificar o “lá fora” e o “selecionado” como especiais, também trazia uma fala, um olhar sobre si, que Ayrton não queria mais ter. Mas o fato é que os dois se tocavam e se prolongavam. Britney, caboclos de lança, bonequinhos de Vitalino, seca e telas de cinema de última geração. Uso de aplicativos bilionários e transporte precário. Apelo ao novo e busca de si. Sem falsas dicotomias. Percepção que vem com a imposição.

O caboclo e a cantora pop andam de mãos dadas e dividem o mesmo lugar.



Bárbara, assistente da residência, em meio à montagem da obra Camaleão.

Moacir dos Anjos **O CAMALEÃO É REVOLUCIONÁRIO**

Pediram-me pra falar a partir do camaleão. *Camaleão* é uma obra de Marcelo Silveira que vocês todos aqui devem ter visto. E se já viram não tem por que eu falar mais aqui dela. É só de bonito. Vou falar do camaleão, o bicho que olha pra um lado e pro outro ao mesmo tempo. O bicho que muda de cor de acordo com a necessidade. E que muda de pele com o passar do tempo. Vou falar da capacidade que a gente tem de ser uma coisa e de ser outra. Vou falar de pertencimento. Mas vou falar pouco. Porque pertencimento é algo que se vive, feito no agir. É mais de natureza performática do que discursiva. Ainda que o discurso seja também performance. Ainda que aqui, na minha própria fala, eu anuncie e enuncie a que e a que parte pertencço. E o que me pertence. Porque pertencimento é coisa de mão dupla. É inventando o outro que a gente se inventa, que a gente se faz gente diferente das outras. É inventando os lugares onde se vive que a gente os faz diferentes dos outros lugares. Ninguém nasce pronto, ninguém apenas é. A gente se transforma naquilo que quer ser, desde que a gente minimamente possa.

E quase nunca a gente quer ser uma coisa apenas, nem precisa ser. A gente pode ser muitos. Um de cada vez. Ou vários juntos ao mesmo tempo, entrelaçados. O poeta Mário de Andrade uma vez disse que ele não era um, mas sim trezentos. Estava certo, ele. Cada um sabe quantos cabem numa vida.

Vou falar em círculos. Porque da repetição é que nasce a diferença. Ou, dito de outro jeito, é a maior quantidade de algo que faz com que, em alguma hora, sua natureza mude. Em todo caso, nada é linha reta. E nada fica parado. Ainda que no caminho existam desvios, barreiras, buracos. Mas ainda assim é caminho, é rota. E sempre é inventada. Um escritor inglês — Benedict Anderson — criou esse termo: comunidade inventada. A gente inventa o povo

Moacir dos Anjos é pesquisador da Fundação Joaquim Nabuco e curador de diversos projetos de dimensão internacional como a 29ª Bienal de São Paulo, o 30º Panorama da Arte Brasileira e a 6ª Bienal do Mercosul. Acompanha o trabalho de Marcelo Silveira desde o final dos anos 1990 e na Residência Belo Jardim participou de um encontro sobre o trabalho *Camaleão*, que gerou este texto. Vive e trabalha no Recife.

do qual faz parte. E invenção não é mentira, é arte. Dizem, por exemplo, que o povo do Recife gosta de ir à praia, como se fosse coisa natural, comum desde sempre. Mas, quando a gente vai atrás disso, descobre que faz pouco mais de cem anos que esse hábito foi criado. Com exceção, claro, dos povos nativos do litoral, que sempre gostaram de se banhar no mar. Mas esses não eram e ainda quase não são chamados de gente. O gosto geral por banho de mar é invenção quase recente. E quem sabe se o medo de tubarão na cidade não faz ele, em algum tempo, deixar de ser assim tão forte? Afinal, o que se inventa pode também ser desinventado. Carnaval também é assim. Há frevos-canção que falam de uma tradição de carnaval situada num passado longínquo, como se sempre tivessem estado ali longe. Mas que também não tem sequer um século de história. Aliás, quem é gente e quem não é considerado gente também não é coisa dada, mas invenção. Por mais mal que faça. E é por isso que é uma ideia que pode ser mudada. É por isso que o camaleão de algum modo remete à inclusão e exclusão de grupos naquilo que é considerado de todos em uma dada comunidade. A ideia de que existe alguma coisa pertencente a todos ou somente a uma parte é uma ideia inventada. A depender da cor trazida na pele, por exemplo, pode-se estar dentro ou estar fora. Pode-se ficar ou ser mandado embora. Pode-se perder ou ganhar. Pode-se ser humano ou não ser nada.

Se me perguntarem o que me define, posso dizer que é o fato de escrever sobre arte. Ou de ter sido um dia torcedor do Náutico. Ou de gostar de feijoada. Ou, inversamente, de detestar fígado. Ou atestar minha condição de homem de estatura média. Ou o fato de ser considerado branco. Ou gostar de tomar banho de mar à noite. Ou de me considerar uma pessoa de esquerda, mesmo que teimem em dizer que isso não faz mais sentido pra definir alguém. Ou de ser pai. Ou de não ter religião. Ou de gostar de música antiga. Mas também de música feita agora. A cada momento da vida, a gente é uma coisa diferente. Ou várias. Nada é tão distante da ideia de pertencimento à vida do que a ideia de uma identidade fixa, essencialista e imutável. Esse aprisionamento a uma definição identitária só serve para controlar o outro, para classificar o outro que se quer isolar como alguém incapaz de escapar a um suposto destino. Para congelar, para sempre, uma dada distribuição de possibilidades. Para que a alguns caiba sempre mais do que cabe a outros, pois, se assim sempre foi, não haveria então por que ser mudado. Esse é o lado perverso da tradição, daquilo que se toma como dado, do que não se discute mais a origem ou significado. É preciso repetir sempre para ser lembrado: tradição se cria, se inventa. Por nós todos. Somos todos criadores, coletivos, de nosso

passado. O passado não é coisa dada, já morta. Tradição é pra se atualizar sempre, senão um dia começa a ser coisa somente pra vender pra turista trouxa, que pensa que nossa alma cabe somente no que é imóvel, e não também no que se move rápido futuro afora.

E é claro que há visões de mundo que falam mais alto do que outras. Invenções de pertencimento mais poderosas ou sedutoras do que outras. E é por isso que é importante que os subordinados na vida encontrem os meios para narrar suas próprias histórias a partir de suas próprias falas, subvertendo assim os discursos que se querem universais e plenos, quando são somente temporariamente dominantes. É por isso que é importante que os subordinados na vida se tornem inventores, criadores de suas histórias. Que se tornem artistas da vida. E que assim façam política. Porque arte e política são vizinhas nesse processo. Declarações de identidade e de pertencimento são estratégias de disputa, de afirmação de diferenças, de enunciação de danos, de reclamação de direitos. Pensem na ideia de sotaque, por exemplo. Não há sotaque certo ou errado, que seja essencialmente menos ou mais bonito. O sotaque é a marca, inscrita na voz, de uma história de vida. Do lugar nascido e de outros lugares vividos; da classe social a que seus pais pertenciam; dos esbarrões tidos ao longo do tempo; e até de escolhas deliberadas de incorporar, na fala, inflexões e termos que por algum motivo o afetam de modo fundo. Num mundo mais e mais globalizado e articulado em rede, onde se fala quase da mesma coisa em toda parte, o sotaque é aquilo que avisa de que parte desse todo se fala. É aquilo que, de modo compacto, conta ao outro a nossa história. E que avisa de nossa diferença. O sotaque é como o salto do tigre, numa conhecida metáfora contada por um escritor africano, Akinwande Oluwole Soyinka. O tigre não avisa que é tigre. Ele salta sobre nós. É nesse salto que ele nos conta de sua tigridade. E que assim nos aterroriza. Nós não precisamos avisar a todo momento de onde somos, a que contexto cultural calhamos de pertencer. Nosso sotaque, assim como nosso corpo todo, avisa por nós. Tem gente que tem vergonha de seu sotaque. Tem gente que se deixa amansar por acharem ele engraçado ou bonito. Sotaque pode até ser só de bonito. Mas ele guarda, no mastigar das palavras, a marca de diferenças que não são naturais. O sotaque é o que resiste ao apagamento do que é próprio a cada comunidade no campo cultural. Não do que é imutável, mas do que é decidido, por caminhos os mais diversos, a gosto ou a contragosto, que é próprio de um tempo e lugar.

E aí penso de novo no camaleão. Na sua língua imensa. Penso se existe uma língua camaleônica, que também mude de acordo com a oportunidade. Penso nesse sotaque que se defende e que ataca

em função da situação vivida. Que acomoda e que afirma diferenças. Penso num sotaque camaleão. Lembro-me das muitas vezes em que, vivendo em outras partes, disseram-me que eu não tinha sotaque de quem é de Pernambuco, talvez por confrontarem minha fala com os estereótipos criados por quem tinha o poder de dizer a todos o modo como pernambucanos supostamente falavam. Ou então das vezes em que me disseram como era “lindo” ou “gostoso” o meu sotaque, num tom que evidentemente fazia equivaler minha fala à de alguém subordinado, quase a de um bom selvagem. Esses não sabem nada do poder de invenção das formas de pertencer a um lugar. Talvez por não precisarem saber. Não sabem das estratégias de mudanças, de catar e aproximar coisas do passado e de agora, daqui e de acolá, fazendo com elas marcas de um mundo que não para. O camaleão é revolucionário.



Marcelo e Teté conversam sobre montagem da obra Camaleão. Teté adorava passar as tardes com a gente no ateliê.

Kiki Mazzucchelli **MARCELO SILVEIRA — ENTREVISTA**



Eu gostaria que você contasse um pouco sobre como surgiu o projeto da Residência Belojardim. Por ter crescido nessa região, você já tinha alguma relação com o local?

Este projeto reflete um interesse que está presente em meu trabalho há muito tempo. Algo que sempre fiz e sempre quero fazer é estabelecer uma conversa com os lugares, sua cultura e sua gente. Confesso que estou um pouco cansado com as coisas que já estão estabelecidas e, embora isso não signifique eliminar a possibilidade de trabalhar nos

espaços institucionalizados dos cubos brancos, me interessa a ideia de criar outras possibilidades. Essa é uma discussão que venho travando em meu trabalho há anos. Como pensar essas possibilidades? Como viabilizar? É lógico que isso é algo que está sempre em processo. Portanto, é sempre mais confuso realizar um projeto fora de um ambiente formalizado, porque, quando estamos vivendo um processo, não sabemos a resposta e os resultados: as coisas acontecem, vão se encaixando.

Essa foi a primeira vez que você realizou um projeto com caráter processual e experimental no agreste?

Eu já havia realizado um projeto, há mais de uma década, que se chamava *Corre caminho*. A ideia inicial era pegar um carro e dirigir de Petrolina a Recife, parando em cinco pontos e interagindo com as pessoas, produzindo trabalhos e gerando conversa. Portanto, *Corre caminho* é um projeto bem antigo. E, no início, é sempre assim: a gente pensa alguma coisa, depois leva uma queda e então se ajusta às condições. Mas já existia essa vontade há mais de uma década.

Esse projeto chegou a ser realizado em sua totalidade?

Foram realizados fragmentos dele. A princípio, eu queria trabalhar em parceria com as cidades, com uma estrutura maior, mas depois percebi que era muito complicado, pois teria que envolver muita gente e não estava conseguindo viabilizar o lado financeiro. Então resolvi fazer três municípios, sendo que um

deles, Cachoeirinha, envolveu um processo que me interessava bastante. Era um projeto focado numa pesquisa sobre a cor e o aço, e minha ideia era entender como funcionava a cadeia produtiva local. Cada indivíduo era encarregado de produzir uma parte do trabalho, e alguém reunia aquele material para dar forma aos arreios, às selas, à indumentária que compunha a obra. Durante um ano, eu ia a Cachoeirinha toda semana, e fui descobrindo cada uma das tendas — como são chamados os micro-produtores locais —, que funcionam como uma corporação medieval de produção. Cada um deles produz uma coisa diferente. Por exemplo, se eu queria um aro de cinco centímetros, eu ia na oficina do produtor de aros e ele dizia: “De cinco não faço, só faço de um.” Quando queria uma tira de couro, ia no produtor e ele dizia que só fazia o couro, não as tiras. Então toda a cidade era motivada pelo projeto e envolvida no processo. Foi um ano de trabalho que gerou uma obra chamada *Roupas de casa*, composta de estruturas de aço cobertas com couro. E houve também outros desdobramentos: por exemplo, eu descobri uma pessoa que pegava o couro, um couro inteiro, prendia com uma faquinha e saía girando o couro em torno do dedo. Essa cena ficou na minha cabeça por transformar o couro, que já era resultado de um volume planejado, e transformar esse plano em linha. Isso, por sua vez, gerou outra conversa, que foi um trabalho que realizei no Torreão,

em Porto Alegre, em que explorei essa ideia das “linhas de couro”. Essa experiência alimentou um pouco meu juízo, proporcionou o convívio, a observação e o entendimento da cadeia produtiva daquele local e de meu processo. Havia muitas oficinas que trabalhavam com o aço, mas era o refugio da indústria, e eles expunham aqueles pedacinhos de aço nas paredes como uma grande instalação. Era uma coisa belíssima, e ainda é.

Essa produção era, portanto, muito artesanal?

Muito artesanal, e eu ainda recorro a eles para fazer algumas peças em aço inoxidável. Esse trabalho tinha outra coisa que me chamava muita atenção, que era uma construção no meio da praça central da cidade. Era um edifício de três andares onde morava uma família, bem no meio da praça principal, perto da igreja. É mais uma história que gerou um desdobramento sobre a ideia de algo privado que se torna público, ou de um espaço público que se tornou privado.

Você poderia contar essa história?

Nessa praça havia um coreto, e alguém permitiu que um senhor colocasse uma banquinha de verduras ao lado desse coreto. Aos poucos, essa banquinha foi crescendo e tomou o espaço do coreto. Depois, alguém sugeriu a ele que ampliasse o coreto, então ele instalou a loja na parte térrea do coreto e, finalmente, construiu a casa dele em cima. Isso daria um estudo, porque nunca vi nada assim.

Era uma espécie de puxadinho do coreto?
Sim. Então, essa vivência de um ano em Cachoeirinha apontou para várias coisas. Uma delas é outro trabalho sobre o qual já venho pensando há muito tempo, que envolve uma pesquisa sobre as esculturas indesejadas da cidade. São essas estruturas que avançam na cidade sem autorização e acabam se estabelecendo. Nesse caso, eu percebo um paralelo entre essa pesquisa e a minha preocupação com o espaço expositivo, porque entendo essa edificação no centro da cidade como um elemento escultórico. Sempre que vou a Cachoeirinha faço entrevistas sobre esse edifício com a população local.

Em relação a Belo Jardim, qual foi seu critério para selecionar as obras e projetos apresentados?

Para Belo Jardim, eu fiz uma seleção de obras que não precisavam ser emprestadas, com exceção da esfera, que está na coleção do MAMAM. Escolhi trabalhos que de certa forma mantinham, em sua essência, algo relacionado com a fala e a conversa. Vi que, ao longo de mais de uma década, a questão da possibilidade e da interrupção da fala era algo que me chamava atenção, apesar de ter formalizado cada um desses trabalhos de maneira diferente. É um assunto sobre o qual eu tinha consciência ao longo dos anos.

Em relação à linguagem, é interessante observar o papel dos títulos nos trabalhos. Todas as obras apresentadas em Belo Jardim possuem títulos que jogam com a linguagem, permitindo mais de uma interpretação. Por exemplo, no caso de Tudo certo, trata-se de um

título que vem de uma história pessoal, na qual o significado da expressão é justamente o contrário do sentido original. Então acho que você usa a linguagem para subverter sentidos e frustrar expectativas em relação a um elemento que poderia facilitar uma interpretação do trabalho.

Eu fujo da obviedade. Mesmo vindo de uma formação de arte-educador — tenho uma formação universitária em arte-educação —, a obviedade me desagrada. Os títulos dos trabalhos certamente refletem isso, eles dizem outras coisas. Alguns títulos são onomatopeias. No caso de *Tudo certo*, quando eu estava diante do ateliê, com aquele trabalho montado no chão, e o carro de som na frente se concentrando para sair, já tocando aquela gravação “Tudo certo”, eu pensei que toda aquela operação para realizar a escultura, que foi muito cara e envolveu muita gente, era desnecessária. Mas, no processo de trabalho, temos que passar por esse tipo de coisa, não conseguimos chegar a uma resolução sem passar por certas experiências. Mas minha impressão foi de que o trabalho de som é muito mais forte. Quer dizer, não é mais forte porque uma coisa não existe sem a outra.

Na instalação Tudo certo, que veio antes da obra sonora, a questão do material — que é uma questão muito presente no seu trabalho — é muito importante, porque não se trata de um material isento. A madeira utilizada no trabalho tem uma forte carga simbólica e, de todos os trabalhos apresentados em Belo Jardim, é a obra mais biográfica. Portanto, me parece que são duas maneiras bastante distintas de tratar a

mesma questão: por um lado, uma instalação com uma presença física muito impactante e, por outro, um trabalho completamente imaterial. Mas voltando à questão da linguagem, se considerarmos o conjunto dos trabalhos mostrados aqui, todos os títulos tocam nesse assunto de alguma forma: Entre a surpresa e o que se espera, que aponta para um estado de espírito indefinido; Bochinche, que é uma perversão da palavra mais conhecida (bochicho); Com-pacto, a palavra hifenizada que sugere simultaneamente certa noção de escala e de aproximação dos espectadores; Deusqueira que não chova, apresentado numa região onde nunca chove — e onde surpreendentemente choveu no dia em que o trabalho foi instalado —; e assim por diante. São títulos que expandem as possibilidades interpretativas dos trabalhos, abrindo novas leituras.

Em relação à questão da palavra, ando muito interessado em organizar alguns cursos de contação de histórias para trabalhar a palavra e explorar a interlocução com o público, especialmente o público que não tem familiaridade com meu trabalho. Você conhece o livro do Tolstói sobre educação? Ele alfabetizava as pessoas contando fábulas embaixo das árvores. É impressionante você pensar que alguém, há dois séculos, estava pensando sobre métodos educativos e que, ainda hoje, estamos pensando em como educar e que métodos podemos usar.

Acho que você poderia falar um pouco sobre o papel da educação no projeto de Belo Jardim, que é um dos eixos centrais da Residência. Esse foi um aspecto muito marcante dessa experiência, e as

atividades que você desenvolveu com os monitores foram completamente distintas das propostas dos setores educativos tradicionais, no sentido de que não havia uma intenção de tentar “explicar” as obras para o público. Pelo contrário, você conseguiu criar uma dinâmica de encontro com as obras na qual o público era estimulado a refletir sobre elas.

Sim, a ideia era lançar elementos estimuladores. Por exemplo, a situação que melhor funcionou foi uma das visitas de escola onde havia um monte de gente no ateliê. O que me interessa é jogar um elemento estimulador para o público e seguir a onda das respostas. Entendo que o processo educativo se constrói nesse vaivém. Por outro lado, isso exige muito mais atenção, pois é uma situação onde há muito menos controle por parte de quem está conduzindo o trabalho. Mas chega uma hora em que todo mundo ganha autonomia. No caso dessa visita, por exemplo, ninguém se reuniu ali para discutir uma coisa previamente e funcionou maravilhosamente bem. E por que numa outra situação não iria funcionar?

Então esse formato de interação entre as escolas e o trabalho foi concebido conscientemente, talvez por conta da sua formação como arte-educador ou pela sua experiência como artista?

Eu fui um arte-educador rebelde. Acho que, em geral, a tendência é dar muita responsabilidade à arte para transformar o mundo. Quem convive com a arte não passa ileso pela experiência. Por exemplo, quando eu falo do Tolstói, o que me interessa é que se trata de uma

educação fora do lugar, uma prática educativa fora da instituição. Eu tive uma experiência nesse sentido, na época em que cursava educação artística e montei o ateliê de Gravatá. Era uma prática educativa de vivência, na qual eu abria o ateliê aos sábados para as crianças menores e no domingo para as crianças maiores, e quem se definia como menor ou maior eram as próprias crianças.

Era uma experiência no seu próprio ateliê?

Sim, era o ateliê onde eu trabalhava e que ainda existe. Trinta anos atrás, eu fui escolher uma área para meu pai, que estava procurando uma casa e, como especialista em coisas inúteis da família, fui encarregado de achar o imóvel. O local que escolhi era uma casinha muito simples, num bairro muito pobre, com três pedras na frente. O que me encantou foram essas pedras. Quando sugeri a meu pai, ele não gostou, porque era um bairro violento, perigoso, e então eu comprei a casa e a comunidade foi absorvendo esse lugar, pouco a pouco.

Já faz, portanto, três décadas que sua prática incorpora esse elemento de produzir arte em comunidades que não têm formação alguma em arte e que não possuem o hábito de frequentar museus.

Sim, e acho que temos muita culpa no que diz respeito aos nossos museus estarem esvaziados. As conversas propostas no ambiente do museu são em geral difíceis, e os educadores tratam o público de uma maneira que

faz com que ele se sinta ignorante, como se não pudesse ter um pensamento próprio sobre a arte e criando narrativas elaboradas para trabalhos que deveriam poder ser apreendidos de modo mais direto. Por exemplo, no andar superior do ateliê de Gravatá, eu guardo todos os trabalhos que eu troco ou compro, e os meninos — que hoje já não são crianças, mas pais de outras crianças — levam os filhos para ver os trabalhos que “são deles”. Quando dizem que “são deles”, é porque se sentem donos desses trabalhos sem serem os proprietários de fato, por gostarem tanto dessas obras com as quais se identificam.

E que de certa forma pertencem à comunidade, já que eles têm acesso a elas.

Sim, e eles se sentem donos daqui. Não é à toa que esse espaço localizado no meio da comunidade há 32 anos nunca foi roubado. Eu abro o ateliê de manhã e fecho à noite, o que comprova que, quanto mais nos fechamos, mais vulneráveis ficamos. Portanto, existe essa prática educativa no meu trabalho e a ideia de formar nosso próprio público é algo que me encanta. Lembro que, quando comecei a trabalhar como artista, o estado só apoiava a pintura pernambucana e que aquilo me incomodava muito, porque meu interesse era outro. Mas acho que todo profissional deve formar o seu próprio público. Mais tarde, comecei a entender minha relação com o mercado não como venda de trabalhos, mas como uma maneira de convencer alguém a se associar a um projeto. Eu acho que é

mais interessante entender essa relação dessa maneira, como uma associação entre indivíduos para viabilizar certos projetos.

Acho que, no caso da Residência Belojardim, há outro aspecto importante, que diz respeito a criar oportunidades para os jovens profissionais locais que desejam trabalhar com arte, pois não há opções de desenvolvimento profissional na cidade. Isso levanta outra questão: como dar continuidade a isso?

Por que é tão importante “dar continuidade”? A experiência presente deverá bastar! Isso é uma coisa que o Instituto já está considerando. Particpei de dois outros projetos similares em Petrolina e num mosteiro no Espírito Santo.

Em Belo Jardim, você chegou com um projeto mais ou menos fechado, mas que tinha ao mesmo tempo um caráter bastante experimental. Por que iniciar a residência com a obra Entre a surpresa e o que se espera?

A expressão “entre a surpresa e o que se espera” foi empregada por Moacir dos Anjos em um texto sobre o meu trabalho, que ele conclui com essa frase. Porém, acho que se aplica muito bem à definição de arte. Creio que o espaço da arte está entre a surpresa e o que se espera. É uma maneira de chegar a um lugar onde não existe um circuito de arte e, além disso, uma surpresa mesmo! A esfera apareceu na cidade, e houve toda uma discussão nas redes sociais que me surpreendeu. O impacto do trabalho e as reações geradas não eram esperados, a floraram durante o processo.

Quando concebi esse projeto, eu tinha a imagem de uma pedra que é jogada no rio e produz ondulações que contaminam toda a superfície da água. Convencer a organização de que deveríamos passar os primeiros dias sem fazer nenhuma divulgação e que as pessoas iriam aos poucos sabendo sobre o projeto, abrindo um espaço para discussão, foi difícil. Apenas no segundo mês começamos a convidar jornalistas. Ainda não tínhamos clareza em relação ao que iria acontecer ali, nada estava ajustado. Foi uma experiência inédita, então não sabíamos o que iríamos encontrar. Não se tratava de um produto de marketing, que poderíamos definir de antemão, mas o produto de uma imersão numa comunidade que a gente não conhecia. Tudo aquilo que pensávamos antes de chegar lá não funcionou na prática. E acho que o grande ganho é a constatação de que é preciso considerar a experimentação, olhar e escutar o outro, deixar de lado o “preconcebido”.

Apesar de ser um projeto bastante ambicioso em termos de produção, teve um caráter de certa forma intimista. O que quero dizer é que não se tratou de realizar uma grande exposição, com festa de abertura para reunir convidados ilustres e jornalistas, e que ficaria em cartaz por apenas um mês. Nesse sentido, acho que seria interessante ouvir um pouco mais sobre a ideia dos jantares temáticos semanais que você organizou na Fábrica, para os quais convidou diferentes membros da comunidade ou convidados de outras cidades para participar. Eram pequenos grupos que conviveram num

ambiente de diálogo mais íntimo com você por algumas horas.

Eram mais títulos do que temas. Acho que o último, em torno da obra *Camaleão*, foi ficando mais ligado ao trabalho, em torno dos textos que respondiam ao tema. Claro que esses textos (reproduzidos aqui) não falavam especificamente do trabalho, mas de uma situação.

Esse é um dado interessante: tanto o seu próprio trabalho quanto esse formato de conversa em torno da comida permitem que o tema seja expandido em outras direções.

Lembrei agora que estou desenvolvendo um trabalho sobre essa questão da fala. Isso se dá no âmbito de uma ocupação de um edifício da Fundação Joaquim Nabuco. Tive muita dificuldade em relação a esse projeto, porque problematizei a ideia do que constitui um acervo e do que se considera patrimônio. Esses conceitos são muito imprecisos dentro da instituição, e não há justificativa para classificar um ou outro objeto dentro de cada categoria. Passei então a me interessar por essa estrutura conceitual que move um espaço expositivo.

Quando eu penso nas obras que estavam em Belo Jardim, a maioria eram trabalhos que estavam guardados no meu ateliê. O que significa, portanto, guardar esses trabalhos no ateliê? Muitos deles vão se transformando, e não tenho interesse em especular com meu próprio trabalho. Não faz sentido o artista especular seu próprio trabalho. Sinto a necessidade de destruir algo para transformar em outra coisa. O ateliê é um espaço de

autonomia, então penso nessas coisas o tempo todo, sobre o que é o acervo e o que é guardar uma obra de arte.

Durante a Residência Belo Jardim, Bochinche, uma grande instalação que já foi mostrada em diversas exposições institucionais, estava instalada no hall de entrada da escola técnica e os alunos atravessavam a obra diariamente, tocando e interagindo com ela.

Não sei se comentei, mas, quando chegamos com a imprensa na última semana da residência, todos os elementos de couro da instalação estavam trançados. Os alunos haviam embaralhado tudo e foi um trabalho tremendo para desmanchar. A professora pediu muitas desculpas, mas eu disse que não havia problema, pois fui eu que provoquei. Se o trabalho fala sobre conversas paralelas, não vamos impor uma conversa só! Vamos juntar tudo! Foi assim que eu entendi aquela intervenção dos alunos, como uma reinterpretação do sentido da obra. No fundo, aquilo mexeu com eles e os provocou a ponto de terem como resposta a necessidade de interferir no que já estava posto.

Ete provocou a fazer essa leitura sobre a intervenção deles.

O trabalho não foi destruído, ele foi reconfigurado, ressignificado. É o contraponto do público fruidor... É normal!

Eu acho que os trabalhos em geral têm um apelo material muito forte, que é algo que atrai as pessoas. Elas querem

tocar esses objetos, como, por exemplo, no caso da instalação Cabeludas. Todo mundo que passava por esse trabalho tocava as crinas, colocava-as sobre o próprio cabelo, tirava uma selfie, porque tem um apelo muito tátil.

Isso é consciente. Digo que temos que usar alguma coisa que conquiste e aproxime o público. Temos que usar elementos familiares ao outro para, a partir do momento em que ele é conquistado, passe a descobrir aquilo que não lhe é familiar e questionar.

Sim, acho que é isso que eu queria dizer. Existe uma familiaridade ali, todo mundo reconhece ou se identifica com os materiais que você emprega, seja a crina/cabelo ou a esfera. São formas e materiais muito universais.

Sim, e quando você para e enxerga o trabalho, passa a ver outras coisas ali. Por exemplo, quem se vestiu com aquele cabelo com certeza num segundo momento passou a ver um elemento estranho. O que tem de estranho ali? Esse estranhamento é aquele elemento naquele espaço, o porquê de ele estar ali, pois não é apenas um cabelo. Há também o dado da maleabilidade, de ser um elemento escultórico, e de cor. Em última instância, esse trabalho, para mim, é uma forma de resolver a pintura que eu não dominava. Quando compreendi que podia pintar de outra forma, surgiram diversos trabalhos que entendo como pintura, e que vêm de um olhar sobre a pintura.

Colocar os trabalhos em ambientes públicos dessa forma é um gesto bem radical. Você disse que foi um educador rebelde, então vejo esse gesto como

uma grande rebeldia, no sentido de não tentar explicar o trabalho de antemão, mas simplesmente colocá-lo no meio de uma escola pública. É como se você invertesse o processo do que entendemos como educativo, pois você provoca o pensamento a partir da experiência direta com o trabalho.

Lembrei-me porque citei a experiência da residência no Mosteiro. Lá eu fiz três dias de meditação e fiquei mais quinze dias produzindo um trabalho num local lindo. E foi curioso, porque, uma semana depois de eu ter retornado, o pessoal do educativo me ligou e disse que meu trabalho havia sido desmontado. Num primeiro momento, fiquei muito furioso, mas depois liguei de volta e disse: “Vamos fazer o seguinte: peçam aos funcionários que desmontaram o trabalho que o refaçam. A prática educativa deste projeto irá consistir nesses funcionários remontarem esse trabalho.” Portanto, não se tratou de punição, mas de uma prática educativa.

Finalmente, como foi a experiência em Belo Jardim para você?

Talvez o mais marcante deste projeto tenham sido as conversas. Todas as negociações que tive que fazer para conseguir chegar à comunidade quilombola de Barro Branco, o branco do chão... Era um gozo olhar aquilo acontecer diante dos meus olhos, e é algo que não quero ser o único a ver. Temos que trazer outras pessoas para lá. Eu me preocupo com a continuidade disso, pois o momento político pede projetos dessa natureza. É preciso criar público, como já disse anteriormente. Por que a curadoria só

pode ser feita na capital e o artista só pode estar no litoral? Que outro tipo de trabalho podemos fazer? Recentemente, fui a Petrolina e tenho certeza de que alguma coisa vai surgir ali. Visitei uma grande plantação de uvas, com alta tecnologia de colheita e manuseio da uva. E, quando a uva começa a brotar, entram mãos femininas para conduzir as uvas, ou seja, aqueles cachos bonitos não funcionam por acaso. As mulheres vão com os dedos ali, como se estivessem arrumando cabelos, e vão moldando aquilo. Todo dia há um grupo que passa arrumando os cachos de uva, é inacreditável. E isso me tocou bastante: imaginar que a tecnologia de ponta no mundo é a mão! São justamente essas ideias que me motivam, que surgem de uma atenção ao que acontece no mundo. A gente encontra o que procura ou o que procuramos acaba por nos encontrar.

Em sua opinião, qual foi o projeto mais bem-sucedido da Residência Belo Jardim?

Acho que houve um momento bastante especial com o público que participou de *Deusqueira não chova*. Foi a operação mais complicada em termos logísticos, envolvendo uma conquista, uma prática, um questionamento sobre o que realizar ali. Foi-nos proposto fazer uma atividade aberta a toda a comunidade num dia e uma apenas para convidados, em outro dia. Foi uma experiência muito interessante.



*Visita à barragem
do Bitury sem água,
só tanajuras.*

Brejo da Madre de Deus, 25 de agosto de 2017.

Querida Mônica,

Espero que esta carta te encontre com alegria e saúde.

A escrita de mais um texto, o derradeiro, forçou-me a pensar muito sobre o que ainda haveria de se comunicar. Quais as singularidades que, por algum motivo, ainda restavam invisíveis, e que certamente mereciam mais esforço e dedicação do olhar.

Na minha primeira carta, eu divagava sobre nossa chegada à cidade. Era uma carta cheia de expectativas sobre um projeto que, já em seu início, e em meio ao turbilhão de atividades, mostrava sinais de que seria uma experiência singular naquele contexto. Na segunda carta, eu comentava sobre os encontros em torno da mesa, que naquele momento já se tornavam eixos de uma proposta de imersão tão cara à Residência, e da importância da jabuticua, objeto-utensílio no qual nos alimentamos tão bem! Trouxe algumas jabuticuias comigo para o Brejo também.

Agora, após o meu retorno, planejava escrever sobre a cidade de Belo Jardim, sobre nossa relação com a arquitetura e suas platibandas históricas em risco de extinção, ou sobre seu centro comercial e suas ruidosas propagandas, que muitas vezes nos silenciavam, ou mesmo sobre o azulado do céu que custou a acinzentar, trazendo a chuva. Mas decidi conversar com você.

Tínhamos o ateliê aberto na antiga fábrica de doces, no centro da cidade, e tínhamos a casa, mais afastada, onde dormíamos e fazíamos algumas refeições. Nos dois espaços, e principalmente neste último, a tua presença foi determinante para que nós conseguíssemos desenvolver o trabalho. Você coordenava as atividades da casa e da cozinha. Não somente. Você também sabia muito sobre a trajetória das obras de Marcelo, nos ajudando a entender, por exemplo, toda uma lógica de cuidados para melhor conservação delas durante a exposição. Com sua máquina de costura, que por muito tempo ocupou espaço no ateliê, você costurou os aventais do *Sódebonito*. Nossos cafés eram quase que inteiramente pensados e

executados por você. Se não estava cozinhando, estava gerindo todo o processo criativo da cozinha, juntamente à Aline, à Anailza e à Nilda.

Se remontarmos uma manhã comum em Belo Jardim, estaríamos acordando por volta das seis ou sete da manhã. Enquanto eu acordava, e Bernardo dormia mais um pouco, o café da manhã já estava praticamente todo encaminhado por você, a banana cozida, o cuscuz no vapor e as tapiocas dando cambalhotas no ar. Às oito, Luiza e Marcelo voltavam do pilates ou da caminhada, eu já havia colhido as buganvílias cor-de-rosa para compor o jarro no centro da mesa. Luiza também gostava de coar o café, Bernardo fritava ovos, e Marcelo já separava recortes de linho que teriam mil utilidades no ateliê. Demorávamos naquela mesa, onde a conversa se prolongava sobre o dia anterior ou sobre as promessas do dia que acabava de começar. Ao final, você se prontificava e recolhia a mesa.

Também possuía a solução rápida e certa para as pequenas urgências que brotavam a todo instante na casa. Aguou com esmero nosso pé de acerola, que encontramos quase morto, e com isso nos rendeu uma safra de frutas verdes, laranjas e vermelhas, que você cuidadosamente ia separando por níveis de maturação.

Também descobriu um pé de malva-rosa no quintal, e com suas folhas nos fez um chá.

Não à toa, em frente ao ateliê, havia uma loja chamada Santa Mônica, que claramente era em sua homenagem, brincávamos.

Ao longo de toda a Residência Belojardim, Mônica, era confortável estar na tua presença, das muitas conversas e histórias que você contava, da sopa que toda noite você tirava da manga. Não era mágica, sabemos, era trabalho. Mas gostaria muito de te ouvir; se for possível, responda a esta carta: você também estava confortável?

Um abraço,
André

patrocínio

apoio

realização



MINISTÉRIO DA CULTURA

